

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO
DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

A priest in green vestments and a white zucchetto is shown in profile, looking down at a large, ornate cross he is holding. The cross is made of wood and has intricate carvings. The background is slightly blurred, showing other people in white vestments.

FELIZ DE QUEM
ESCUA A
PALAVRA DE DEUS!

SUBSÍDIO LITÚRGICO-PASTORAL **2022**



PAULUS



Um agradecimento especial a:

Doutora Elena Bosetti, sjbp

Instituto de Teologia para a Vida Consagrada “Claretianum”

Doutora Rosalba Manes

Pontifícia Universidade Gregoriana

Doutor Gregorio Vivaldelli

Departamento Académico de Teologia de Trento

Mgr. William Segura Sánchez, Presb

Universidade Católica da Costa Rica

S.E.R. D. Florencio Armando Colín Cruz

Bispo de Puerto Escondido, México

Referência iconográfica:

© Vatican Media: capa, p. 11;

© Getty Images: p. 70;

© Shutterstock.com: pp. 6, 24, 28, 30,
35, 43, 46, 48, 53, 56, 60, 68, 81, 84, 91

© EDIZIONI SAN PAOLO s.r.l., 2022

Piazza Soncino, 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milano)

www.edizionisanpaolo.it

© PAULUS Editora, 2022

Direção editorial: Pe. Tiago Melo, ssp

Tradução: Pe. Mário José dos Santos, ssp

Revisão: André Barreira

Finalização: Luís Valente

PAULUS Editora

Estrada de São Paulo, 63

2680-294 Apelação

Tel. 219 488 870

editor@paulus.pt

Departamento Comercial

Estrada de São Paulo, 63

2680-294 Apelação

Tel. 219 488 870

apoiocliente@paulus.pt

www.paulus.pt

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravações ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação sem autorização prévia, por escrito, do editor.

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 4 |
| A Palavra de Deus em comunidade | 7 |
| Algumas considerações práticas | 8 |
| Acolher a Palavra de Deus em comunidade | 12 |
| <i>Lectio divina</i> sobre o Evangelho do III Domingo do Tempo Comum | 16 |
| A voz dos Padres da Igreja | 26 |
| A Palavra de Deus em família | 29 |
| Acolhimento da Palavra de Deus em família | 30 |
| <i>Lectio divina</i> sobre o Evangelho do III Domingo do Tempo Comum | 34 |
| Proposta pastoral. Comentário ao Evangelho quotidiano na internet | 42 |
| A Palavra de Deus na oração pessoal | 47 |
| O método de leitura popular e comunitária da Bíblia | 48 |
| Leitura popular e comunitária do Evangelho do III Domingo do Tempo Comum | 52 |
| Testemunho. A Palavra de Deus pode transformar o coração | 64 |
| Apêndice. A Igreja e a Palavra de Deus | 69 |
| A voz dos Papas | 70 |
| Aspectos bíblicos sobre o Ministério do Leitorado | 74 |
| A Palavra de Deus na vida da família | 82 |
| Somente quem escuta pode anunciar: Palavra de Deus e catequese à luz do novo Diretório | 88 |
| O logótipo para o Domingo da Palavra de Deus | 94 |

O texto que o Papa Francisco escolheu para o Domingo da Palavra de Deus é fortemente expressivo para a vida da comunidade cristã. O evangelista São Lucas insere estas palavras de Jesus na conclusão de um discurso em que é possível ver uma vez mais unidos a ação messiânica de Jesus e o seu ensinamento. O capítulo abre-se com o pedido feito por um discípulo para que lhes fosse ensinado a orar tal como também São João Batista fizera com os seus discípulos. Jesus não evita esse pedido e ensina a mais linda oração que todos os cristãos usam desde sempre para se reconhecerem n'Ele como filhos de um único Pai. O Pai-Nosso não é apenas a oração dos crentes que afirmam ter por intermédio de Jesus uma relação filial com Deus; também constitui a síntese de serem renascidos para uma vida nova, na qual fazer a vontade do Pai é fonte de salvação. Numa palavra, é a síntese de todo o Evangelho. As palavras de Jesus convidam todos aqueles que oram com expressões para se deixarem envolver num “nós”, índice de uma comunidade: «Quando rezardes, dizei» (Lc 11, 2), que deixam perceber do lado de seus discípulos uma séria vontade de oração como expressão de toda a sua existência. A oração, portanto, não é um momento, mas é algo que

envolve o dia inteiro de um discípulo do Senhor. Pressupõe a alegria de um encontro e a perseverança. Por isso o Senhor continua a afirmar: «Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abri-se-vos-á» (Lc 11, 9). Não fica nada sem ser ouvido pelo Pai quando Lho pedimos em nome do Filho.

O ensinamento de Jesus é, todavia, visível em sua ação e testemunho. Em nosso contexto, o evangelista apresenta um exorcismo. Um homem mudo, agora, perante o poder de Cristo, readquire a palavra. A admiração e o entusiasmo da multidão não conseguem evitar a insolência de alguns que não contestam em Jesus a sua atividade taumatúrgica, mas a sua origem: «É por Belzebu chefe dos demónios que ele expulsa os demónios» (Lc 11, 15). Esta é uma tentação clara e enganadora daqueles que não querem acolher em suas vidas a fonte da salvação através do amor, mas teimam permanecer ligados à lei e às suas obras. A reação de Jesus é um ensinamento consequente acerca da sua origem divina, mas ao mesmo tempo é um claro convite a quantos irão acreditar n'Ele a fim de se não deixarem vencer pela presença do mal e de seus servidores de violência, porque o Reino de Deus está claramente no meio de nós com os seus frutos.

Todo este contexto faz com que uma mulher que estava ali presente exclamasse convictamente: «Feliz do ventre que Te trouxe e do seio que Te alimentou» (Lc 11, 27). A resposta de Jesus não se fez esperar. Embora deixasse louvar sua Mãe, orienta para um mais além o olhar dos crentes. Com a proclamação de uma bem-aventurança, une a escuta da Palavra de Deus com a sua aplicação na vida. Um duplo horizonte se abre perante nós. Por um lado, a existência cristã caracteriza-se pela escuta da Palavra de Deus. Por ela oferece-se um sentido de tal modo profundo que ajuda a compreender a nossa presença por entre o conjunto das diversas ações do mundo. Será sempre uma luta dura entre os que aderem à Palavra e os que se lhe opõem. Adocicar esta condição poderá trazer aos cristãos uma função social mais remunerativa, mas torna-los-á insignificantes, porque no fim de contas permanecerão “mudos” e subjugados. Tornar-se-ão como o sal que perdeu o sabor e serão pisados e rejeitados até mesmo por aqueles de quem foram subservientes (cf. Mt 5, 13). Trata-se de uma ilusão que se deve evitar com convicção para não esvaziar o Evangelho da salvação. Por outro lado, não chega só escutar a Palavra de Deus. Jesus acrescenta um verbo determinante que comporta “conservar”

em si esta palavra para sua observância. É constitutivo do anúncio cristão o seu testemunho efetivo. Guardar a Palavra equivale a fazê-la ser como uma semente que dá fruto no devido tempo (cf. Lc 8, 15). A sua eficácia, todavia, não depende tanto do empenhamento pessoal, mas da força que brota da Palavra divina.

A Palavra de Deus, por conseguinte, traduz-se na “vontade de Deus” e, vice-versa, esta passa a ser a sua Palavra que opera a salvação. É por isso que a comunidade cristã se torna o lugar privilegiado em que se pode escutar e viver esta Palavra, porque na comunidade os cristãos são realmente irmãos e irmãs que mutuamente se apoiam e vivem no amor. O Domingo da Palavra de Deus, como se pode notar, permite mais uma vez aos cristãos assumir o convite tenaz de Jesus para que se escute e se observe a sua Palavra para se poder oferecer ao mundo um testemunho de esperança e permitir ir-se mais além das dificuldades do momento presente.

D. Rino Fisichella

An open book with text on its pages is placed on a dark wooden stand. The background is a blurred interior of a church, showing a series of arches and columns, with light streaming in from the distance. The overall atmosphere is serene and focused on the text of the book.

A Palavra de Deus em comunidade

«Para favorecer a escuta da Palavra de Deus, não se devem menosprezar os meios que possam ajudar os fiéis a prestar maior atenção. [...] Uma atenção especial seja dada ao ambão, enquanto lugar litúrgico donde é proclamada a Palavra de Deus».

(Verbum Domini 68)

Considerando a presente situação pandémica, recomenda-se aos organizadores do Domingo da Palavra de Deus que cumpram sempre as normas sanitárias em vigor e que adaptem consequentemente o desenrolar comunitário da iniciativa.

Para viver frutuosa e plenamente o Domingo da Palavra de Deus em comunidade é essencial prepará-lo com grande antecipação. Convém que os preparativos se estendam do nível espiritual (a oração pessoal e comunitária para o bom êxito e a abertura do coração à Palavra de Deus) ao material (programação adequada, correspondente à vida de cada comunidade).

CRIAR UM GRUPO RESPONSÁVEL

O primeiro passo a realizar é instituir um grupo de pessoas para tratar e coordenar o desenrolamento das iniciativas pastorais deste Domingo. A tarefa deste grupo de pessoas será:

- rezar pelo bom êxito;
- programar as várias iniciativas (apresentar as propostas para as diversas faixas etárias, realizar um momento de carácter cultural, histórico e bíblico);

- escolher outras pessoas aptas para a execução prática do programa;
- orçamentar as despesas eventuais;
- preparar o material necessário;
- divulgar as informações acerca deste Domingo;
- alcançar as pessoas em dificuldade (doentes, lares da terceira idade, hospitais, prisões, associações caritativas...);
- envolver, na medida do possível, pessoas de outras religiões e confissões cristãs, bem como os não-crentes.

PREPARAR-SE ESPIRITUALMENTE

É útil lembrar, em primeiro lugar, que a Bíblia não é somente um texto de alto valor cultural, moral, histórico, social ou artístico, capaz de inspirar o pensamento do homem de hoje. A Bíblia contém em si a Palavra de Deus que é «viva, eficaz e mais cortante que uma espada de duplo gume; ela penetra até ao ponto de divisão da alma e do espírito, até às articulações e medulas, e julga os sentimentos e os pensamentos do coração» (*Hb* 4, 12).

Para o encontro com a Palavra viva é necessário concentrar-se sobretudo numa preparação espiritual, pedindo a abertura do nosso coração e

para quem vai receber a proclamação durante o Domingo da Palavra de Deus. Consequentemente, os preparativos para programar esta iniciativa pedem necessariamente que se comece pela oração individual e comunitária.

As comunidades, pelo menos uma semana antes do Domingo da Palavra de Deus, louvavelmente poderão incluir na oração dos fiéis uma intenção dedicada ao bom êxito desta iniciativa.

Os membros do grupo responsável, como também os catequistas, os evangelizadores e outras pessoas responsáveis pela proclamação do Evangelho, poderão organizar um momento de Adoração silenciosa do Santíssimo Sacramento, oferecido pela celebração do Domingo da Palavra de Deus.

PROGRAMAR AS ATIVIDADES

As várias atividades programadas pelo desenrolar desta iniciativa devem ser dirigidas quer às comunidades quer às pessoas individuais, lembrando sempre que a Bíblia é a Palavra de Deus viva e que o seu indelével valor cultural tem múltiplas conotações.

CONVOCAR OS FIÉIS

A informação sobre o Domingo da Palavra de Deus pede uma larga antecipação para se alcançarem mais pessoas do que habitualmente.

É necessário fazer convites pessoais como modo mais direto de informar as pessoas acerca da iniciativa.

Podem-se usar folhetos facilmente distribuíveis pelas pessoas e afixar a informação em cartazes.

Usar as redes sociais, como o *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp* e outras *apps*, que podem ser importantes para a ampla divulgação das atividades programadas.

VIVER O DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS

É importante favorecer o encontro pessoal e comunitário com a Palavra viva.

Somos chamados a ser instrumentos nas mãos do Senhor e lembrar que, «como a chuva e a neve descem do céu e para aí não voltam sem terem irrigado a terra, sem a haver fecundado e tê-la germinado, para que dê a semente a quem semeia e o pão a quem come, assim acontece com a palavra que sai de minha boca: não voltará a mim sem



efeito, sem ter operado o que desejo e sem ter conseguido o que lhe mandei» (Is 55, 10-11).

CONTINUAR A EXPERIÊNCIA DA PALAVRA DE DEUS

Depois desse Domingo terminar, deve-se lembrar que a Palavra de Deus não cessa de operar em nossos corações, por isso é oportuno organizar sessões formadoras (por exemplo: a *Lectio divina* semanal ou mensal, grupo bíblico, etc.) onde se possa continuar o encontro com a Palavra de Deus, oferecendo uma oportunidade para a formação permanente dos fiéis.

A seguir, expõem-se algumas propostas pastorais que podem ajudar a sublinhar a importância do Domingo da Palavra de Deus em comunidade. Ajustando-as ao contexto de cada comunidade, podem-se desenvolver outras como a instituição de leitores pelo bispo, a *lectio* contínua de um texto bíblico, a entrega da Palavra em âmbitos variados, momentos culturais de aprofundamento, representações teatrais de personagens bíblicos, momentos de formação, celebrações ecumênicas.



É agora proposto um rito de entronização da Palavra de Deus, que pode ser mais indicado principalmente na atual situação epidemiológica em contínua evolução. Todavia, a juízo do bispo local e do pároco, podem ser introduzidos outros gestos que sublinhem a importância da Palavra de Deus na comunidade celebrante – em conformidade, naturalmente, com as indicações litúrgicas vigentes na celebração dos sacramentos e, sobretudo, da Eucaristia.

Deve-se ter presente, todavia, que o rito de entronização aqui indicado é uma proposta, e não deve ser aplicado de modo abrupto na liturgia celebrada, sem tomar em consideração as exigências particulares que devem estar presentes numa comunidade paroquial ou diocesana.

É de bom tom que o rito de entronização se desenrole pelo menos uma vez, durante a celebração eucarística mais solene no Domingo da Palavra de Deus.

Perto do altar, ou então do ambão, ou em outro lugar bem preparado (por exemplo, numa capela), prepare-se um lugar visível para toda a assembleia, elevado e ornamentado, onde se possa colocar o texto sagrado.

A Santa Missa inicia-se como de costume: favoreça-se, segundo as

possibilidades, a procissão solene com o turíbulo, a naveta, a cruz e as velas, levando o Evangelário segundo os usos da Igreja romana

ATO PENITENCIAL

Após a saudação inicial, inicia-se com estas ou outras palavras:

«Hoje cumpriu-se esta Escritura que acabais de ouvir» – disse o Senhor aos habitantes de Nazaré. Foi deste modo que Jesus lembrou que a Palavra de Deus é dinâmica. Não é um livro que uma vez lido se arruma e o colocamos numa prateleira, mas é uma presença viva, capaz de transformar e de santificar a nossa vida. Abrir a Bíblia significa encontrar pessoalmente Deus que se dirige a mim e me revela quem Ele é, bem como a sua presença na minha vida.

Neste dia a Igreja celebra o Domingo da Palavra de Deus: abramo-nos à presença de Deus que, através de sua Palavra, deseja revelar-Se e habitar no meio de nossas existências.

Para podermos acolher a sua presença durante esta celebração, reconheçamos que somos pecadores e invoquemos com confiança a misericórdia de Deus.

Segue-se o ato penitencial, que poderá ser o seguinte:

C. Senhor, Vós sois a Palavra de Deus feita carne, *Kyrie eleison.*

R. *Kyrie eleison.*

C. Cristo, Vós destes vista aos cegos com a força de vossa palavra, *Christe eleison.*

R. *Christe eleison.*

C. Senhor, Vós viestes para libertar as nossas existências do pecado, *Kyrie eleison.*

R. *Kyrie eleison.*

C. Deus onnipotente tenha misericórdia de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

R. *Ámen.*

Canta-se o Glória e depois inicia-se a Liturgia da Palavra nos moldes habituais.

ENTRONIZAÇÃO

Para a proclamação do Evangelho é processionalmente levado o Evangelário do altar até ao ambão, onde é incensado. No final da leitura do Evangelho, o ministro, depois de beijar o texto sagrado, coloca-o processionalmente no trono, onde é aberto e incensado.

Um comentador explica o gesto com estas ou outras palavras semelhantes:

O livro que contém a Palavra de Deus é solenemente levado e colocado sobre o trono. É um gesto simbólico com o qual não só veneramos a Sagrada Escritura no seio desta nossa comunidade orante, mas também manifestamos a nossa vontade de lhe dar o devido relevo em nossa vida. É assim que a Palavra de Deus se torna um farol da nossa existência para iluminar as nossas decisões e inspirar a nossa atividade em conformidade com a vontade de Deus.

Segue-se a homilia e a Santa Missa como de costume.

ORAÇÃO DOS FIÉIS

Pode-se usar a seguinte oração dos fiéis, modificando-a segundo as necessidades da comunidade.

C. Irmãs e irmãos, em Jesus Cristo cumprem-se as Sagradas Escrituras e as nossas vidas encontram a sua plenitude. Apresentemos ao nosso Deus as nossas intenções, a fim de vivermos plenamente a sua Palavra.

L. Rezemos juntos e digamos: *Faça-se em nós, ó Pai, segundo a vossa Palavra!*

1. «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me consagrou». O Papa,



os bispos, os presbíteros e os diáconos deem apoio a todos os que vivem nas mais diversas situações de escravidão espiritual e material. Nós Vos pedimos, ouvi-nos, Senhor.

2. «O Espírito do Senhor está sobre mim, para levar aos pobres um anúncio alegre». Para que todos os

batizados, guiados pelo Espírito Santo, se tornem anunciadores da Boa Nova às pessoas que encontram, sobretudo os mais necessitados. Nós Vos pedimos, ouvi-nos, Senhor.

3. «O Espírito do Senhor está sobre mim, para libertar os oprimidos». Para que os leitores, os catequistas e os

que divulgam a Palavra de Deus nas comunidades partilhem a fé, o amor e a esperança com todas as pessoas sozinhas, desesperadas, doentes e esmagadas pelo peso da vida. Nós Vos pedimos, ouvi-nos, Senhor.

4. «O Espírito do Senhor está sobre mim, para anunciar o dom da vista

aos cegos». Para que cada um de nós abra o coração à presença divina que ilumina e guia, através de sua Palavra, às nascentes da vida eterna. Nós Vos pedimos, ouvi-nos, Senhor.

C. Nós Vos damos graças, ó Pai, pelo vosso Filho que nos enviastes como Salvador. Fazei que, com a graça do Espírito Santo, saibamos acolhê-lo em nossos corações. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos.

R. Ámen.

BÊNÇÃO SOBRE O POVO

A celebração pode ser concluída com a seguinte bênção.

C. Que Deus vos abençoe com todas as bênçãos do céu e vos torne puros e santos a seus olhos; infunda sobre vós as riquezas da sua glória, vos instrua com as palavras da verdade, vos ilumine com o Evangelho da salvação e vos faça alegres e felizes na prática da caridade fraterna.

R. Ámen.

C. A bênção de Deus onipotente, Pai, Filho + e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça convosco para sempre.

R. Ámen.



Lectio divina sobre o Evangelho do III Domingo do Tempo Comum

PREPARAÇÃO À ESCUTA (STATIO)

Disponhamo-nos para ouvir com todo o coração a Palavra que nos é oferecida. Importa guardar um silêncio interior: às vezes não chega a nossa boa vontade, porque andamos ocupados com muitas coisas e solicitações, perturbados por pensamentos negativos, por afãs e preocupações. Coloquemo-nos assim como somos diante do Senhor, em comunhão com todos os nossos irmãos e irmãs regenerados pela semente incorruptível da Palavra viva (cf. *IPd* 1, 23). Invoquemos a graça do Espírito Santo e a intercessão de Maria, que é “bem-aventurada” porque acreditou plenamente na Palavra (cf. *Lc* 1, 41-45), para podermos nós também, com a graça do Espírito, acolher com fé a Palavra, dar-lhe carne em nossa vida e anunciá-la com alegria como Palavra que salva.

Oremos

Vinde Espírito Santo, comunhão viva do Pai e do Filho. Vinde Espírito criador; Vós que falastes nos profetas e fecundastes a Virgem com a Palavra. Vinde Vós que no batismo desceastes sobre Jesus e O consagrastes para anunciar aos pobres a bela notícia, para libertar os oprimidos e levar a todos a alegria e a salvação. Vinde até nós, como bálsamo sobre as nossas

feridas, vinde doce consolador, dai-nos um coração novo, capaz de compreensão e de ternura. Dai-nos a graça de nos saber escutar humildemente uns aos outros, dai-nos a graça de sabermos perdoar e de nos abrir ao acolhimento da vossa novidade na história que vivemos. Ensinai-nos a reconhecer a vossa Presença em tudo o que nos sucede. Ensinai-nos a reconhecer o Verbo encarnado em cada irmão e irmã, sobretudo nos pequeninos, nos pobres, nos aflitos e desprezados. Nós Vos louvamos e Vos agradecemos por nos haverdes convocado hoje para escutar a vossa Palavra. Ámen.

PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 1, 1-4; 4, 14-21)

Muitas pessoas já tentaram escrever a história dos acontecimentos que se passaram entre nós. Elas começaram do que nos foi transmitido por aqueles que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra. Assim, após fazer um estudo cuidadoso de tudo o que aconteceu desde o princípio, também eu decidi escrever uma narração bem ordenada, excelentíssimo Teófilo. Deste modo, poderás verificar a solidez dos ensinamentos que recebeste.

Jesus voltou para a Galileia, com a força do Espírito, e a sua fama espalhou-se por toda a redondeza. Ensinava nas sinagogas e todos O elogiavam. Jesus foi à cidade de Nazaré, onde Se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga e levantou-Se para fazer a leitura. Deram-Lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos, e aos cegos a recuperação da vista;





para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor». Em seguida Jesus fechou o livro, entregou-o ao ajudante e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos n'Ele. Então Jesus começou a dizer-lhes: «Hoje cumpriu-se esta passagem da Escritura que acabais de ouvir».

LEITURA ORANTE (LECTIO)

Em primeiro lugar, procuremos “ambientar-nos” contemplando a cena descrita pelo evangelista, ajudando-nos até com a imaginação (isto corresponde à *compositio loci*). Não temamos usar a imaginação, pois até Santo Inácio de Loiola nos convida a valorizá-la para mais facilmente nos envolver plenamente. Quem já foi de peregrinação a Nazaré pode ativar a memória, mas todos podemos fechar durante um momento os olhos e imaginar a sinagoga de Nazaré que Jesus frequentou desde a infância, onde foi formado e cresceu na escuta das Escrituras.

Não é um dia comum semanal, mas é um dia festivo, um sábado em que o povo se encontra reunido em assembleia litúrgica.

A expectativa é grande acerca do que Jesus irá dizer.

Leiamos atentamente várias vezes o texto sem pressas, como um bom alimento que é apreciado e assimilado, como se fosse água a aparecer da nascente que dessedenta a alma.

MEDITAÇÃO (MEDITATIO)

Entremos em diálogo orante com a Palavra que ouvimos, como fazia Maria de Nazaré, a qual guardava as palavras acerca de Jesus «meditando-as em seu coração» (cf. *Lc 2, 19.51*). Deixemo-nos interpelar pela Palavra: o que diz à minha vida, à nossa família, à nossa comunidade? Procuremos declinar mais concretamente esta pergunta demorando-nos sobre alguns pontos emergentes do texto e do contexto lucano.

O contexto: guiado pelo Espírito

O contexto de *Lc 3, 21 – 4, 15* permite-nos compreender a profunda ligação entre o batismo, a descida do Espírito Santo e a missão de Jesus, o Filho amado que Se deixa plenamente guiar pelo Espírito que O leva primeiramente para o deserto (*Lc 4, 1*) e depois O conduz novamente à Galileia, após ter superado vitoriosamente as tentações: «Jesus voltou para a Galileia com a força do Espírito» (*Lc 4, 14*). Toda a atividade de Jesus se desenrola sob a plena docilidade

ao Espírito. É nesta mesma perspetiva que São Lucas vê desenvolver-se a missão da Igreja batizada no Espírito do Pentecostes. Com efeito, não são só Pedro e os Apóstolos a decidir o que fazer, mas «o Espírito Santo e nós» (*At 15, 28*); e também não são só São Paulo e os companheiros a decidir as metas da evangelização, mas «o Espírito de Jesus» é quem se manifesta em situações tantas vezes desfavoráveis (cf. *At 16, 7*). Seguindo Jesus «cheio do Espírito Santo» (*Lc 4, 1*), os batizados são chamados a «caminhar no Espírito» (*Gl 5, 16*), a deixarem-se guiar em tudo pelo Espírito. Podemos então perguntar-nos: como vivemos em relação com o Espírito Santo que recebemos no Batismo e na Confirmação? As nossas escolhas e programações são precedidas de oração e de discernimento no Espírito? O Papa Francisco exorta-nos a ser evangelizadores com Espírito, se «nos abirmos sem hesitações à ação do Espírito Santo» (EG, 259).

No coração da liturgia

Encontramo-nos no coração da liturgia matinal num dia de sábado. Quando Jesus, na sinagoga de Nazaré, Se levanta para fazer a leitura profética, supõem-se já transcorridas as leituras da Torá e as orações correspondentes à primeira parte do rito. Foi no

rótulo do profeta Isaías que Jesus encontrou a passagem fundadora da sua missão. Mas o evangelista São Lucas surpreende-nos porque a passagem citada não se encontra exatamente assim na Bíblia, não é portanto uma citação literal, mas um entrelaçamento de diversas passagens e com omissões bastante significativas.

A citação de *Is 61, 1-2* inclui uma expressão de *Is 58, 6* que reforça o tema da libertação e omite a segunda parte de *Is 61, 2* que anuncia «um dia de vingança do nosso Deus». Fica-se propositalmente pela primeira parte do versículo que proclama «um ano de graça do Senhor». Trata-se de uma alusão ao jubileu como tempo de graça e de misericórdia, um tempo de alegria e de fraternidade, um ano sabático que prevê a remissão das dívidas e o repouso da terra para ser novamente dada em usufruto aos pobres (cf. *Lv 25, 10*). Não se pode saber quantas vezes os fiéis hebreus terão escutado e rezado estas palavras proféticas que anunciam graça, misericórdia, justiça, fraternidade. Note-se que o texto profético fala em forma direta, e não em terceira mas em primeira pessoa: «O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso me consagrou com a unção e me enviou...». De quem é que o profeta está a falar, «de si mesmo ou de outro?» (cf. *At 8, 34*).



O hoje de Jesus

Agora fazem-se uns breves instantes de silêncio e de respiração suspensa. Jesus enrola o rólulo (é Ele quem o abre, é Ele que o fecha), entrega-o ao servidor e senta-Se (a leitura é feita de pé, a homilia sentados). Os olhos de todos apontam só para Ele. Que irá dizer-nos na homilia?

Mas Jesus não faz um sermão, nem faz um comentário ao texto, mas apenas declara o seu cumprimento: «Hoje cumpriu-se esta Escritura que acabais de ouvir» (Lc 4, 21). Então Jesus é o cumprimento da Escritura, pois Ele é o consagrado com a unção do Espírito, enviado a levar o alegre anúncio aos pobres.

Ele próprio é o “jubileu” porque perdoa as dívidas, põe em liberdade os cativos, faz estremecer de alegria os pobres e respirar a mãe terra, também ela necessita de repouso e de libertação.

Na sinagoga de Nazaré ressoa o verbo da plenitude: hoje «cumpru-se» (peplérōtai) esta Escritura. É o mesmo verbo que no Evangelho de São Marcos inaugura a pregação de Jesus: «cumpru-se o tempo» (peplérōtai, Mc 1, 15). O tempo da promessa abre-se ao «hoje» de Jesus, um «hoje» que atravessa todo o Evangelho de São Lucas, desde Belém até à cruz: «Hoje na cidade de David, nasceu-vos um Salvador», disse o anjo aos pastores (2, 11); «Hoje entrou a salvação nesta casa», disse Jesus a Zaquueu (19, 9); «Hoje estarás comigo no paraíso», respondeu Jesus ao bom ladrão crucificado com Ele (23, 43).

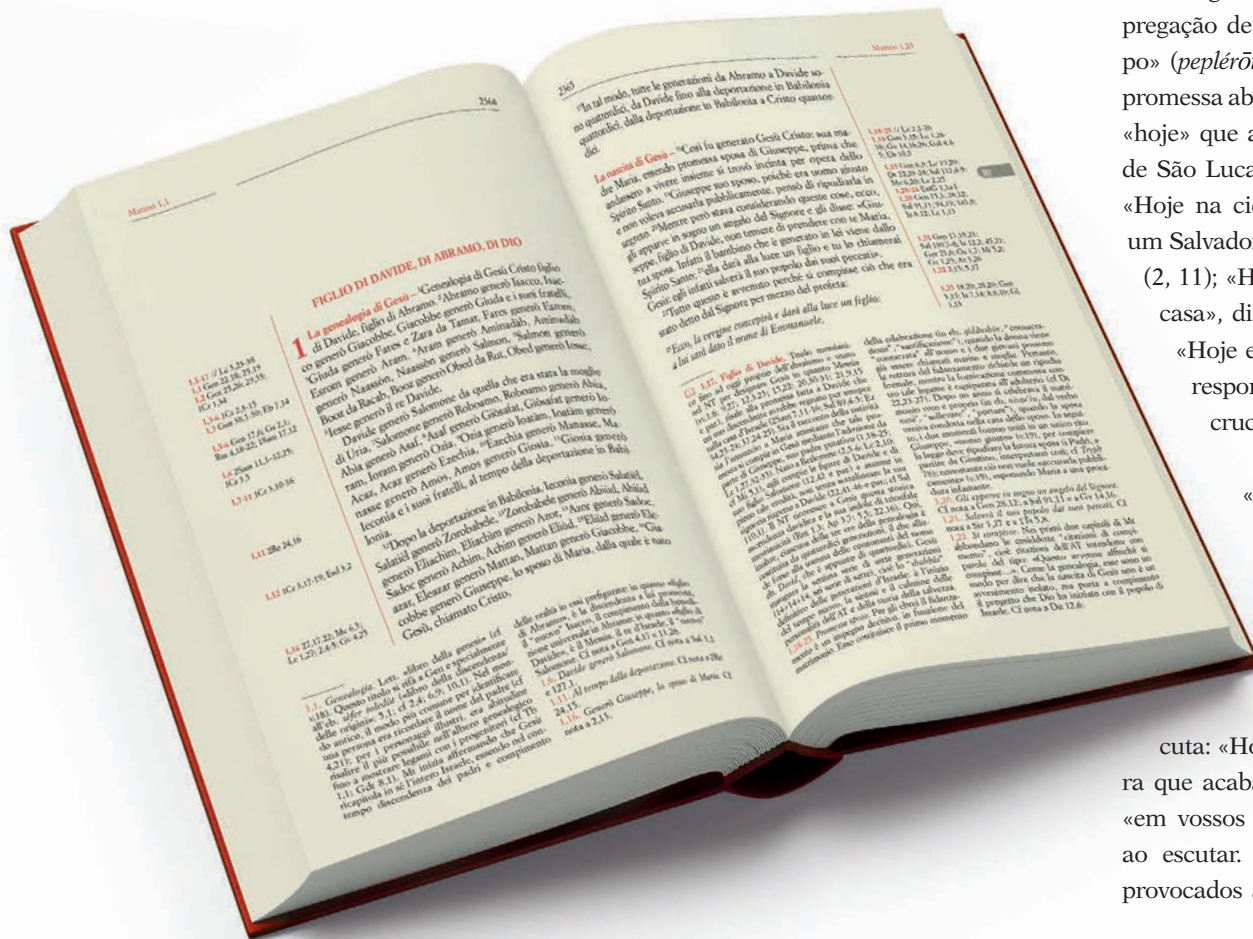
Note-se a passagem dos «olhos» aos «ouvidos». Os fiéis presentes na sinagoga queriam ver («os olhos de todos estavam fixados n'Ele»), mas Jesus indicou-lhes o primado bíblico da escuta: «Hoje cumpriu-se esta Escritura que acabais de ouvir» (literalmente: «em vossos ouvidos»). Passa-se do ver ao escutar. Hoje também nós somos provocados a passar da curiosidade do

ver à fé que nasce da escuta da Palavra (cf. Rm 10, 17). Ativemos pois a “bem-aventurança da escuta”! Só quem escuta a Palavra com fé, com todo o coração e com toda a vida, poderá ser testemunha e um anunciador credível.

Palavra de alegria e de libertação

Na sequência da perícopes notamos que a primeira reação dos fiéis na sinagoga de Nazaré após a auscultação das palavras de Jesus é a admiração: «Todos Lhe davam testemunho e se admiravam das palavras de graça que saíam da sua boca» (Lc 4, 22a). O Evangelho é uma bela notícia, é alegria contagiante que brota do coração de Cristo, é consolação e libertação profunda que nasce do amar e do deixar-se amar, do doar e perdoar, do cuidar dos outros, em especial das pessoas mais frágeis e necessitadas, com profundo respeito e acolhimento das diferenças, com responsabilidade e ternura.

O “jubileu” que Jesus veio inaugurar não deixa tranquilos os que O querem seguir, homens e mulheres. É um jubileu que desperta o coração e a inteligência, que nos abre os olhos acerca das injustiças, das pobreza causadas, das situações dolorosas e insustentáveis de muitos irmãos e irmãs, das feridas que continuamente são infligidas à mãe terra. Não é uma alegria superficial, nem uma alegria avarenta que se fecha em





círculos restritos, reservada a poucos privilegiados. A alegria do Evangelho cimenta-se com as lágrimas dos pobres e dos sofrendores, nem tolera abusos ou violências, contesta hipocrisias e toda a forma de opressão, até mesmo religiosa: «Ai de vós que carregais os homens com pesos insuportáveis, e vós nem lhes tocais sequer com um dedo!» (Lc 11, 46). O Evangelho de Jesus é essencialmente libertação: «Todos os que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior e do isolamento» (EG 1). Libertação e alegria não apenas para os humanos, chamados a ser todos “irmãos”, mas também para a mãe terra que tem direito a um tempo sabático para descansar e regenerar-se, um ano de graça em que os devedores podem respirar porque os seus débitos serão perdoados e os pobres podem alegrar-se porque lhes será concedida uma certa porção de terra, em conformidade com a justiça.

Palavra que ilumina e cura

Aos mensageiros enviados a São João Batista que na prisão é tentado pela dúvida acerca da identidade messiânica de Jesus, este respondeu fazendo falar os sinais do Evangelho que atestam o cumprimento das palavras do Profeta: «Ide e referi a João o que vistes e ouvistes: os cegos adquirem a vista, os coxos andam,

os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a boa nova» (Lc 7, 22; cf. Is 26, 19; 35, 5-6; 42, 7; 61, 1). Luz para os cegos, caminho desimpedido e não irregular porque o Senhor renova as forças, «faz os meus pés como os de uma gazela e faz-me caminhar sobre as alturas», disse o profeta (Ab 3, 19).

A imagem da luz é frequentemente associada à Palavra na Bíblia: «Lâmpada para os meus passos é a tua Palavra, luz sobre o meu caminho» (Sl 118, 105). O próprio Cristo é a Palavra que ilumina, é «a luz verdadeira, que ilumina todo o homem» (Jo 1, 9). Quem escuta a sua palavra é arrancado das trevas e transferido para o reino da luz. Com a pregação de Jesus na Galileia dos pagãos ergue-se a luz: «O povo que habitava nas trevas viu uma grande luz, para os que habitavam a sombria região da morte uma luz se levantou» (Mt 4, 16). Não será talvez a ignorância de Deus e do seu amor a treva mais profunda? Os regenerados em Cristo passaram das trevas para a luz esplêndida d'Aquele que os chamou para uma missão específica: anunciar o Evangelho, proclamar as obras maravilhosas do Senhor (cf. 1Pd 2, 9).

Quanto está viva em nós a consciência de sermos portadores de uma luz que não vem de nós, mas da Palavra que nos «regenerou» para um amor fraterno

sem hipocrisia? (cf. 1Pd 1, 22-25). Como vivemos o Evangelho da fraternidade?

Palavra que encoraja e consola

Na Bíblia a expressão “evangelizar”, “proclamar um alegre anúncio”, aparece pela primeira vez no negrume do exílio da Babilónia, estreitamente ligada ao tema da consolação. Disse o Senhor: «Consolai, consolai o meu povo. Falai ao coração de Jerusalém e gritai-lhe que a sua tribulação já passou... Sobe a um monte, tu que anuncias notícias alegres a Sião! Levanta a tua voz com força, tu que anuncias notícias alegres a Jerusalém» (Is 40, 1-2.9). Cada um de nós é chamado a ser mensageiro/mensageira de notícias felizes. Isso pode ser feito utilizando as redes sociais, com mensagens de alegria e de esperança, sendo até chamados a fazer ainda mais, a fazer de nós mesmos mensagem que “fale ao coração”, que leve encorajamento e conforto. Disse o profeta: «O Senhor enviou-me a levar um anúncio alegre aos miseráveis, a tratar as chagas dos corações espezinhados» (Is 61, 1). Hoje o mundo está cheio de homens e de mulheres, crianças, jovens e anciãos que sofrem interiormente, têm um ânimo atribulado, um coração esgotado. Há quem nunca viu dias de paz em sua vida, mas só guerra, fome e miséria. A pandemia alargou

os sofrimentos, o medo, a angústia e a solidão. Fomos enviados para consolar e encorajar, para tratar com ternura as feridas do coração, com unção e bálsamo espiritual. O Apóstolo Paulo convidou-nos a consolar-nos reciprocamente, com a mesma consolação com que Deus nos consola. Ele é um «Pai misericordioso e o Deus de toda a consolação» (cf. 2Cor 1, 3-5). Se acolhermos a consolação que nos vem de Deus através da sua Palavra, podemos por nossa vez consolar com as palavras e os sentimentos de Deus que cuida de toda a criatura. O Papa Francisco diz-nos que «o cuidar dos outros é uma regra de ouro do nosso ser humanos e produz saúde e esperança (cf. LS 70) [...] Esta cura devemos também aplicá-la à nossa casa comum: à terra e a qualquer criatura que nela viva. Todas as formas de vida estão interligadas, e a nossa saúde depende da dos ecossistemas que Deus criou e dos quais nos encarregou de ter em nosso cuidado» (*Audiência geral*, quarta-feira, 16 de setembro de 2020).

ORAÇÃO (ORATIO E CONTEMPLATIO)

Depois de havermos escutado e meditado um trecho evangélico, criemos um espaço de oração e de contemplação.



Não se trata de dizer mais orações, mas sobretudo “orar” a Palavra escutada e meditada, para que esta encontre aplicação na nossa vida.

- Peçamos ao Pai para nos fazer saborear a alegria de sermos seus filhos e filhas. Agradecemos-Lhe “a unção” que nos deu do Espírito pelo qual somos nós também “cristos”, porque fomos “cristificados”.

- Agradecemos ao Espírito Santo que habita em nós e que em nós grita «*Abbá, Pai!*» (cf. *Rm* 8, 15).
- Peçamos a Jesus que nos dê os seus sentimentos, a sua paixão pelo Evangelho e para com o povo de Deus, em especial para com os últimos, os pobres, os pequeninos, as ovelhas trespalhadas e que andam perdidas.

Deixemos que a Palavra atinja a profundidade do nosso coração e o aqueça. Com São Bernardo de Claraval, grande mestre de vida espiritual, venerado como santo até pela Igreja anglicana e luterana, peçamos que a Palavra se faça carne na nossa vida: «Não seja uma Palavra passageira na velocidade com que é proferida, mas uma Palavra concebida para permanecer, revestida

de carne e não de ar fugidio! Que ela não seja uma Palavra escrita e muda, mas encarnada e viva; não uma Palavra gravada com caracteres fixos num pergaminho morto, mas impressa sob uma forma humana no meu casto ventre; tracejada não com uma pena, mas por obra do Espírito Santo!».

DISCERNIMENTO E AÇÃO (*DELIBERATIO E ACTIO*)

A dinâmica da Palavra não ficou presa em cima do monte Tabor! Tal significa que a contemplação, ainda que seja o vértice da lectio divina, necessita de se revestir com a história, fazer-se “actio”, ação transformadora. Contemplativos na ação! Do monte da contemplação/transfiguração, desçamos com Jesus para “cuidar” de nossos irmãos e irmãs, da mãe terra e de toda a criatura, anunciando o Evangelho com a vida. Nesta perspectiva, que escolha concreta, que decisão a Palavra me solicita que tome? O que é que «hoje» me pede para que a alegria do Evangelho me possa habitar e contagiar o mundo?



Nesta nossa edição damos voz a Santo Agostinho de Hipona, nascido em Tagaste em 13 de novembro de 354 e falecido em Hipona em 28 de agosto de 430. É considerado o “Doutor da Graça” e defensor da fé frente às here-sias dos maniqueus, dos donatistas e dos pelagianos. Mais à frente oferecemos o seu comentário de alguns versículos do Salmo 18, que serão proclamados na Liturgia da Palavra do III Domingo do Tempo Comum, ano C.

COMENTÁRIO DE SANTO AGOSTINHO

A manifestação de Cristo

(Sl 18, 8.9.10.15)

A Lei do Senhor é imaculada, converte as almas. Cristo é a própria Lei do Senhor, porque veio para a cumprir e não para a abrogar; e a Lei é pura porque não cometeu pecado, nem foi encontrado engano em sua boca, nem esmagou as almas sob o jugo da escravidão, mas converteu em liberdade a imitação de Si mesmo. Fiel é o testemunho do Senhor que distribuiu a sabedoria pelas criancinhas. Fiel é o testemunho do Senhor, porque ninguém conheceu o Pai, mas apenas o Filho, e aquele a quem o Filho o queira revelar; tudo isto são coisas escondidas

aos sábios e reveladas aos pequeninos, porque Deus resiste aos altivos, mas dá a graça aos humildes.

Os julgamentos do Senhor são retos, alegam o coração. Todos os juízos do Senhor são retos n’Ele, pois nada ensinou que não tenha praticado, de modo que os que O imitam podem alegrar-se em seu coração por aquelas coisas que se fazem livremente por amor e não servilmente por temor. O mandamento do Senhor é claro, ilumina os olhos: é límpido o mandamento do Senhor que sem o véu das observâncias carnis ilumina o rosto do homem interior.

O temor do Senhor é puro e permanece eternamente: o temor do Senhor não se põe sob a lei da pena, nem teme que lhe sejam retirados os bens temporais, pelo amor dos quais se desvia a alma; mas sendo puro, com ele a Igreja muito ardentemente ama o seu esposo, e tanto mais diligentemente teme ofendê-lo; por isso o amor perfeito não expulsa este temor que perdura para sempre.

Os juízos do Senhor são verdadeiros, e justos em si mesmos: são juízos de quem não julga os outros porque deu ao Filho o poder de julgar: por isso são de certeza imutavelmente justos. Porque Deus nunca

enganou ninguém quando ameaçava ou prometia, nem ninguém pode eximir os ímpios ao suplício, ou retirar aos piedosos o prêmio que Deus dá. Mais desejáveis que o ouro e do que muitas pedras preciosas: embora o ouro e as pedras sejam numerosos, muito preciosos e muito desejáveis, todavia os juízos de Deus são mais desejáveis que as pompas deste século, cujo desejo faz com os juízos de Deus não se desejem, mas se temam, por desprezo inaceitável. E se algum deles for ouro ou pedra preciosa, que os impeça ser consumidos pelo fogo, tornam-se tesouros de Deus. Então, o fiel deseja mais que a si próprio os juízos de Deus, a cuja vontade antepõe a sua. São mais doces que o mel dos favos. Se alguém é já mel porque desligado dos vínculos desta vida, espere pelo dia em que possa chegar ao banquete de Deus; ou então se ainda é favo, isto é, cheio de vida como a cera, não misturado como ela mas rico dela, e sinta necessidade de uma certa pressão da mão de Deus, que não oprime mas sustém, para poder passar purificado da vida temporal à eterna; ora bem, para ele são mais doces os juízos de Deus que ele mesmo, porque, para ele, aqueles são mais doces que o mel e os favos.

E encontrarão favor as palavras de minha boca, e a meditação do meu coração estará sempre sob os teus olhos: a meditação do meu coração não tem por fim o agrado dos homens, porque a soberba foi esmagada; mas está sempre diante de Ti, porque Tu perscrutas a consciência pura. Senhor, minha ajuda e meu redentor: Senhor, Tu ajuda-me quando a Ti me dirigir; porque me resgatas-te para me lembrar de Ti; ninguém atribua à sua sapiência a sua conversão ou às suas forças chegar até a Ti, se não quiser ser lançado para o sítio ainda mais afastado de Ti que resistes aos soberbos; este não se purificou do grande pecado nem encontrou favor diante de Ti, que nos redimes para que nos convertamos, e nos ajudes porque nos voltamos para Ti.

Comentário ao Salmo 18.

Exposição I.



A Palavra de Deus em família

«De facto, com o anúncio da Palavra de Deus, a Igreja revela à família cristã a sua verdadeira identidade, o que ela é e deve ser segundo o desígnio do Senhor».

(Verbum Domini 85)

Durante o Domingo da Palavra de Deus, toda a família se reúne à volta da mesa principal de cada casa, onde foi colocado um crucifixo, um ícone de Nossa Senhora, uma vela e a Bíblia. Um dos membros da família acende a vela e diz:

A luz de Cristo.

Todos respondem:

Dêmos graças a Deus.



A seguir outra pessoa introduz a oração ao Espírito Santo com estas palavras:

Aqui nos reunimos à volta da Palavra de Deus para ouvir a voz do Senhor na nossa vida e para iluminar com a sua luz o nosso agir. Abramos os nossos olhos à presença de Deus, invoquemos o dom do Espírito Santo para que nos dê a graça de compreender a Palavra de Deus e de a pôr em prática.

Depois, recita-se a seguinte oração do Papa São Paulo VI (que pode ser dividida e recitada por mais pessoas):

Vinde, ó Espírito Santo
e dai-nos um coração puro,
pronto para amar Cristo Senhor
com a plenitude, a profundidade e a
alegria que somente Vós sabeis criar.

Dai-me um coração puro,
como o de uma criancinha
que não conhece o mal
se não para o combater e dele fugir.

Vinde, ó Espírito Santo
e dai-me um coração grandioso,
aberto à vossa Palavra inspiradora
e avesso a toda a mesquinha
ambição.

Dai-me um coração grande e forte
capaz de amar a todos,
decidido a aguentar em favor deles
qualquer provação, cansaço,
desilusões e ofensas.

Dai-me um coração grandioso,
forte e constante até ao sacrifício,
feliz por palpitar somente com
o coração de Cristo
e realizar humilde, fiel e
corajosamente a vontade de Deus.

Todos respondem:

Ámen.

Um membro da família pega na Bíblia, abre-a, e começa a ler a passagem de *Lc 19, 1-10* que narra o encontro de Jesus com Zaqueu.

OUVI A PALAVRA DO SENHOR DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS

Ao atravessar a cidade de Jericó, um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e rico, procurava ver quem era Jesus, mas não conseguia por causa da multidão, pois era pequeno de estatura. Correu adiante e, para O conseguir ver, subiu para um sicómoro, porque devia passar por aí. Quando chegou àquele lugar,

Jesus levantou os olhos e disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, porque hoje devo ficar em tua casa». Desceu depressa e acolheu-O cheio de alegria. Vendo isso, todos murmuravam: «Entrou em casa de um pecador!». Mas Zaqueu, levantando-se, disse ao Senhor: «Senhor, dou metade dos meus bens aos pobres e, se roubei alguém, restituo quatro vezes mais». Jesus respondeu-lhe: «Hoje entrou a salvação nesta casa, porque também este é filho de Abraão. O Filho do homem veio efetivamente procurar e salvar o que estava perdido».

Todos os membros da família fazem um gesto de veneração ao livro das Sagradas Escrituras.

Segue-se um momento de silêncio, de meditação sobre o texto acabado de ouvir e de oração pessoal.

A seguir, os presentes podem partilhar as suas reflexões sobre a Palavra de Deus acabada de ouvir. Para facilitar a partilha, propõem-se as perguntas seguintes:

- Qual parte da lição evangélica me impressionou mais e porquê?
- Com que pessoa desta narração bíblica me identifico?
- Que comportamento ou situação despertou a minha atenção?



- Durante a leitura senti emoções? Quais e quando?
- Como relaciono esta narração com a minha vida?
- Sinto-me inspirado por alguma palavra que ouvi?

Se se preferir omitir o momento de partilha, pode-se ler o seguinte comentário:

O Evangelho de hoje (cf. *Lc* 19, 1-10) coloca-nos no seguimento de Jesus que, em seu caminho para Jerusalém, passa por Jericó. Havia muita gente a acolhê-lo, entre elas um homem chamado Zaqueu, chefe dos “publicanos”, ou seja, daqueles judeus que recolhiam impostos por conta do império romano. Ele era rico não graças a um ganho honesto, mas porque exigia uma “compensação”, e isto aumentava o desprezo contra ele. Zaqueu «queria ver quem era Jesus» (v. 3); não queria encontrá-lo, mas tinha curiosidade: queria ver esse personagem sobre o qual tinha ouvido coisas extraordinárias. Era curioso. Porém, sendo baixo de estatura, «para conseguir vê-lo» (v. 4) subiu a uma árvore. Quando Jesus depara com ele, ergue os olhos e observa-o (cf. v. 5).

Tudo isto é importante: o primeiro a olhar não foi de Zaqueu, mas de Jesus, que entre tantas caras que O rodeavam – a multidão – descobre precisamente um tal Zaqueu. O olhar misericordioso do Senhor vê-nos muito antes de nós darmos conta de necessitar ser salvos. E com este olhar do Divino Mestre começa o milagre da conversão do pecador. De facto, Jesus chama-o, e chama-o pelo nome: «Zaqueu, desce depressa, porque hoje devo ficar em tua casa» (v. 5). De nada o acusa, nem lhe faz nenhum “sermão”; diz-lhe que tem de ficar em casa dele: “deve”, porque é a vontade do Pai. Apesar das murmurações populares, Jesus escolhe ficar em casa de um pecador público.

Também nós teríamos ficado escandalizados por este comportamento de Jesus. Mas o desprezo e o preconceito contra um pecador só o isolam e endurecem no mal que faz contra si mesmo e contra a comunidade. Pelo contrário, Deus condena o pecado, mas procura salvar o pecador, vai procurá-lo para o levar para o caminho reto. Quem nunca se viu beneficiado pela misericórdia divina tem dificuldades para acolher a extraordinária grandeza dos gestos e das palavras com que Jesus Se aproxima de Zaqueu.

O acolhimento e a atenção que Jesus lhe dedica levaram esse homem a uma mudança clara de mentalidade: num instante dá-se conta de como é mesquinha uma vida toda dependente do dinheiro, à custa de roubar aos outros e de receber um imenso desprezo. Ter o Senhor ali, em sua casa, fá-lo olhar para tudo com olhos diferentes, até com um pouco da mesma ternura com que Jesus olhou para ele. E muda também o seu modo de ver e de usar o dinheiro: ao gesto de amontoar substitui-se o de dar. Na verdade, decidi dar metade do que possuía aos pobres e restituir o quádruplo aos que tinha roubado (cf. v. 8). Zaqueu descobre por Jesus ser possível amar gratuitamente: até agora era avarento, agora torna-se generoso; gostava de amontoar, agora alegra-se a distribuir. Encontrando o Amor, descobrindo ser amado apesar dos seus pecados, torna-se capaz de amar os outros, fazendo do dinheiro um sinal de solidariedade e de comunhão.

A Virgem Maria nos obtenha a graça de sentir sempre sobre nós o olhar misericordioso de Jesus, para irmos com misericórdia ao encontro daqueles que erraram, para também eles poderem acolher

Jesus, que «veio procurar e salvar o que estava perdido (v. 10)».

Papa Francisco, *Angelus*,
3 novembro 2019

Depois deste comentário, todos recitam juntamente a oração de Jesus. Pai nosso...

No final desta oração, a pessoa que acendeu as velas pega na Bíblia e traça o sinal da cruz, abençoando com a Sagrada Escritura toda a família. A bênção de Deus desça sobre nós e connosco permaneça para sempre.

Todos respondem:
Ámen.

Apagam-se as velas, dizendo:
Ficai, Senhor, connosco, desde agora e para sempre.

Todos respondem:
Ámen.

PREPARAÇÃO À ESCUTA

Passaram-se dois anos desde que tudo mudou por causa da ameaça da pandemia, anos em que se viveu com muitas tensões por causa da trágica situação global. A difusão rápida do coronavírus (covid-19) tudo alterou. Este flagelo mudou radicalmente o nosso modo de viver quotidiano por causa de todas as medidas de prevenção impostas pelas autoridades sanitárias e governativas. Devemos manter os protocolos para proteger-nos mutuamente: manter uma justa distância, usar a máscara cirúrgica, lavar continuamente as mãos com água e sabão, evitar reuniões com muitas pessoas. “Fica em casa” foi a frase mais repetida – e com toda a razão!

Graças a Deus que as vacinas chegaram, que estão à disposição de muita população mundial. Todavia, como se sabe, novos surtos e novas variantes do vírus aparecem continuamente apesar das medidas adotadas. Isto criou uma situação de maior incerteza para todos. Não podemos estender a mão aos outros, nem abraçar-nos ou beijar-nos, sobretudo quando se pensa que quem estiver perto pode ser portador assintomático do vírus com o risco de se ser infetado e de contagiar os outros. Devemos readquirir a confiança perdida com esta epidemia.

Perante esta situação, perguntemos: como continuar a trabalhar para a construção do Reino de Deus, apesar das consequências negativas que a pandemia da covid-19 deixou nas nossas vidas e no coração de tantas pessoas: tristeza, pobreza, marginalidade e desconfiança?

Sendo Igreja, temos o dever de encorajar a todos: crianças, adolescentes,

jovens, adultos, anciãos, migrantes, doentes, irmãos e irmãs em pobreza extrema, todos os, justa ou injustamente, prisioneiros e os que não têm trabalho. Todos nós que estamos em peregrinação neste mundo devemos procurar restabelecer relações fraternas, solidárias e respeitadas entre todos, com toda a criação e com Deus, sempre iluminados pela

sua Palavra, que produz alegria e empenho em quem a escuta. Neste contexto de incerteza e desconfiança, é importante continuar a cultivar estas formas de relação, encorajando-nos, como até agora fizemos, com a Sagrada Escritura.





LECTIO (O QUE NOS DIZ O TEXTO?)

O texto para meditar neste Domingo da Palavra de Deus foi tirado do Evangelho segundo São Lucas (1, 1-4; 4, 14-21). Ouçamo-lo atentamente e façamo-lo nosso. Peguemos na Bíblia e leiamo-lo lentamente:

Muitas pessoas já tentaram escrever a história dos acontecimentos que se passaram entre nós. Elas começaram do que nos foi transmitido por aqueles que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra. Assim, após fazer um estudo cuidadoso de tudo o que aconteceu desde o princípio, também eu decidi escrever uma narração bem ordenada, excelentíssimo Teófilo. Deste modo, poderás verificar a solidez dos ensinamentos que recebeste.

Jesus voltou para a Galileia, com a força do Espírito, e a sua fama espalhou-se por toda a redondeza. Ensinava nas sinagogas e todos O elogiavam. Jesus foi à cidade de Nazaré, onde Se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga e levantou-Se para fazer a leitura. Deram-Lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito:

«O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos, e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor». Em seguida Jesus fechou o livro, entregou-o ao ajudante e sentou-Se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos n'Ele. Então Jesus começou a dizer-lhes: «Hoje cumpriu-se esta passagem da Escritura que acabais de ouvir».

Para uma melhor compreensão do texto proclamado

- A lição do Evangelho do III Domingo do Tempo Comum, que o Papa Francisco instituiu como Domingo da Palavra de Deus, contém importantes ensinamentos propostos por Jesus para nós. Recordemos que todo o texto de São Lucas é classificado como o Evangelho da misericórdia, da compaixão, onde Jesus Se aproxima das crianças, dos jovens, dos doentes, dos marginalizados e dos pecadores; n'Ele se revela o rosto misericordioso de Deus e o seu tenro amor para quem vive sem sortenem amor. É uma Boa Nova para

um povo cansado e oprimido de todos os tempos.

- De um ponto de vista narrativo, este texto encontra-se na segunda parte do Evangelho conhecida como “A atividade de Jesus na Galileia” na secção dedicada à “manifestação e rejeição de Jesus”. Nesta secção, Jesus manifesta a sua identidade através de ações e palavras. Os chefes de Israel rejeitam-n'O. Ele, porém, reúne à sua volta um grupo de discípulos que vai enviar a pregar.
- A um nível estrutural, o texto que meditamos encontra-se na parte introdutória do Evangelho de São Lucas (1, 1-4), seguido pela genealogia de Jesus (3, 23-38) e pelas tentações de Jesus no deserto (4, 1-13). Depois, no texto para meditar, temos o passo em que o povo admira Jesus pelas palavras inteligentes que Lhe saem da boca. Eles citam-Lhe os provérbios: «médico, curate a ti mesmo!» e «ninguém é profeta em sua terra!». Os presentes pretendem lançá-l'O de um monte abaixo, mas Ele retira-Se para curar doentes, entre os quais um endemoninhado (4, 22-37).

Nota. É aconselhável ter uma Bíblia na mão para ver onde se encontra o texto e se ensinarem as crianças e os

adolescentes da família de modo pedagógico a delimitar um texto bíblico.

- Vale a pena considerar que o Evangelho de São Lucas nos oferece algumas chaves de leitura para interpretar este texto para que o “processo evangelizador missionário”, que Jesus esteve a empreender, seja claro e compreensível para todos. É o início do seu ministério, o horizonte para o qual se projeta a sua mensagem. Os seus discípulos já vivem com Ele, serão suas testemunhas fiéis e ajudá-l'O-ão a espalhar o Reino. Ele já revelou a sua origem messiânica através da sua genealogia. Tudo foi preparado para dar início a um novo processo evangelizador.
- Esta cena representa o programa do que Jesus está para realizar no seu ministério e ao mesmo tempo o anúncio do que deverá ser o caminho da Igreja e o modo em que esta missão deve ser feita.

No contexto atual, é importante reconhecer que o significado que Jesus dá a estes ensinamentos é como uma nova aventura de esperanças e desejos. É uma grande catequese dirigida aos cristãos provenientes do paganismo da segunda geração para compreender o que o Senhor quer que vivamos.



MEDITATIO (O QUE O TEXTO ME DIZ?)

Este segundo momento leva-nos a descobrir o que o Espírito Santo quer comunicar aos que participam na reflexão da Palavra de Deus. Somos convidados a reler o texto e a dar uma resposta pessoal. Recordemos que neste ponto se trata de “fazer nossa a Palavra”. O que me diz o texto? O que diz à minha vida?

Elementos para a reflexão pessoal

O Papa Francisco, na sua Carta Apostólica *Aperuit Illis*, publicada em 30 de setembro de 2019, na memória do 1600.º aniversário da morte de São Jerónimo, estabeleceu que o III Domingo do Tempo Comum deveria ser dedicado à celebração, reflexão e partilha da Palavra de Deus. Além disso, no Domingo da Palavra de Deus somos convidados a reforçar a nossa união com os judeus e a rezar pela unidade dos cristãos.

No texto em consideração, Jesus delineia o itinerário da sua missão, que é como um preâmbulo, uma *ouverture* ao programa do que se irá realizar no percurso do seu ministério público. Apresenta também os fins da sua missão, da sua presença na nossa história, na qual irrompe a salvação. O autor

deste Evangelho segue as tradições e o método historiográfico para descrever as raízes do Messias.

Jesus, numa reunião ao sábado na sinagoga, servindo-Se de um oráculo do profeta Isaías (*Is* 61, 1-2) e iluminado pela força do Espírito Santo, indica o que está no centro do seu anúncio: Ele veio trazer um anúncio feliz aos pobres, a proclamar a libertação

aos presos, a dar a vista aos cegos e a pôr em liberdade os oprimidos. Este é o anúncio da salvação e a denúncia das injustiças, a missão específica do Reino.

Jesus também afirma que veio proclamar um ano de graça do Senhor, inspirando-Se no *Sl* 9, 1-2 que alude a um ano jubilar em que se recebiam várias graças. Era um ano sabático de

repouso, que podia ser concedido em cada 10, 20, 25 ou 50 anos. Mas quando ouvimos estas palavras de Jesus, pensamos que quer comunicar-nos algo mais profundo, que podemos interpretar como o cumprimento do tempo da salvação, ou seja, que Jesus, o Messias, o Senhor, nos oferece um ano de graça que continuará em toda a história da redenção: para os que viveram desde





as origens da humanidade; para nós que vivemos neste tempos tão difíceis; e para os vindouros e que hão de viver até à consumação dos tempos, porque através da sua Paixão, morte e Ressurreição nos salvou e este acontecimento guiará a humanidade até ao dia de seu regresso glorioso, o qual será como uma luz que brilhará para sempre.

Por isso, quando entrega o rótulo do livro e toma o seu lugar, declara: «Hoje cumpriu-se esta Escritura que acabastes de ouvir».

Ao tomar como referência a atualização da profecia de Isaías e o texto de São Lucas que anima a presente edição deste subsídio («Feliz de quem escuta a Palavra de Deus e a pratica»), é importante passar mais além da escuta. No final da Carta *Aperuit Illis*, o Papa convidou o povo de Deus a crescer na familiaridade religiosa e assídua com a Sagrada Escritura neste Domingo dedicado à Palavra, como já antigamente ensinava um autor sagrado: «Esta Palavra está muito perto de ti, está em tua boca e em teu coração, para que tu a pratiques» (*Dt 30, 14*). Pelo caminho da escuta e de pôr em prática a Palavra de Deus, acompanha-nos a Mãe do Salvador, reconhecida como bem-aventurada porque acreditou no cumprimento do que o Senhor lhe

anunciou e porque fez o que o Senhor lhe mandou.

À luz do que meditaste, poderás responder à seguinte pergunta: tu passas do discurso ou da reflexão à ação? Por outras palavras, pergunta a ti mesmo: Sirvo na minha família? Colaboro nas tarefas quotidianas? Sirvo na minha comunidade, no meu país, ou apenas me limito a criticar? Sirvo na minha paróquia? Estou disponível para qualquer serviço que ajude a construir o Reino de Deus? Coloco os meus talentos ao serviço dos outros? Ofereço um bom testemunho daquilo que “prego”?

ORATIO (O QUE DIREI AO SENHOR?)

Agora, na oração, entramos num diálogo íntimo e pessoal com Deus para saborear a presença ativa e criadora da sua Palavra. É assim que, com a Palavra de Deus nas mãos, nos dirigimos a Ele. Pode ser uma oração espontânea ou uma oração já conhecida, mas o importante é que exprima o que queremos dizer a Deus, nosso Pai. Um exemplo poderia ser a oração seguinte:

Senhor Jesus, Mestre de Amor, venho até junto de Ti para Te suplicar perdão pelas muitas vezes que em palavras, atos e omissões

Te fui infiel; pelas vezes que falo de amor e não amo com suficiência para que acreditem em Ti. Perdoame por não ter ensinado a tua Palavra de Vida com o meu exemplo. Quero agradecer-Te, Senhor Jesus, por esta Palavra de Vida, pão que sacia a minha fome de Ti. Dou-Te graças por me haverdes lembrado que devo ser uma testemunha viva do teu amor, para que o teu rosto se reflita no meu. Peço-Te que tomes a minha fé e a minha vida em tuas mãos. Concede-me os dons da sabedoria e do santo temor para ser coerente e testemunhar a tua misericórdia.

Senhor Jesus, disseste-nos que vieste anunciar a Boa Nova aos pobres, a proclamar a libertação aos presos, a dar a vista aos cegos, a libertar os oprimidos e a proclamar um ano de graça... Pedimos-Te que nos ajudes também a praticar o teu projeto para alargar o teu Reino. Tu sabes como sou pequeno, mas com a ajuda de meus irmãos e irmãs poderei realizar esta bela aventura de caminhar para a santidade.

Graças, Pai Celeste, pelo teu Filho Jesus Cristo, nosso irmão. Graças pelo Espírito Santo que, derramando em nós os seus dons, nos encheu do teu amor. Graças à

Santíssima Trindade, geradora de comunhão em todas as criaturas. Ámen.

CONTEMPLATIO E ACTIO (COMO CRISTO VIVE EM MIM?)

Agora preparamo-nos a passar pela soleira da porta da fé para tornar viva a Palavra do Senhor e para continuar o processo de evangelização da nossa diocese, paróquia, comunidade, formando uma Igreja segundo o coração de Deus, chamando outros a ser também testemunhas do amor divino.

Sugere-se a elaboração de algumas orientações que poderão ajudar uma pequena mas significativa mudança pessoal baseada na leitura orante do texto bíblico que fizemos:

Jesus, na sinagoga de Nazaré estilizou um verdadeiro “projeto de serviço, de oração, de boas obras”. Deixemo-l’O personalizar dentro de nós, partilhando tudo o que d’Ele emerge para tornar visível a mensagem do Evangelho com o exemplo. Neste “projeto de serviço” pensemos em alguma coisa de concreto que possa aliviar a dor e o sofrimento que a pandemia deixou em tantas pessoas.

Proposta pastoral. Comentário ao Evangelho quotidiano na internet

Nem tudo o que a pandemia provocou é negativo... Algo muito positivo foi o interesse de numerosos católicos para aprofundarem o significado dos textos bíblicos proclamados na liturgia quotidiana graças às redes sociais. Tal esteve ao alcance de todos, até mesmo nos momentos mais críticos da pandemia. Fornecemos exemplos de algumas iniciativas pastorais que ajudam a tornar a riqueza da Sagrada Escritura disponível aos fiéis quotidianamente.

UM CAFÉ, BOM COMO O EVANGELHO!

“Deseja um café?”. Quantas vezes, sem às vezes fazer caso, recebemos ou fizemos este simples convite. Há quem tome um café para se manter acordado, para fazer uma pausa, ou como um digestivo após o almoço. Em casa, no bar, nos locais de trabalho: um café, admitamo-lo, é simplesmente um pretexto para se encontrar com alguém, um modo de interromper o fluxo contínuo e cansativo das atividades e perder um pouco do nosso preciosíssimo tempo com pessoas de que gostamos ou com quem trabalhamos juntamente. O café é mais uma necessidade existencial que uma necessidade fisiológica.

Para fazer um café é preciso quatro coisas simples: água, um pó negro bem esmagado e tostado, lume e uma máquina. Criaram até um Café Carmelita durante o confinamento devido à covid-19, também com quatro ingredientes: a água da nossa vida, o grão de café da Palavra de Deus, o lume da oração e a cafeteira de uma comunidade de religiosos. É assim que, em cada

manhã, um grupo cada vez maior de amigos recebe diretamente em sua casa uma pequena taça de café quente que se bebe em menos de cinco minutos. Um café bom como o Evangelho que, para cerca de quatro mil pessoas espalhadas pelo mundo, passou a ser um bom-dia tão esperado, um amigo de viagem, uma ajuda para a oração e para a vida.

Se se desejar receber o comentário do Evangelho do dia dispensado pelos Padres Carmelitas Descalços no telemóvel basta enviar uma mensagem *WhatsApp* ao Pe. Lorenzo pelo número +39 3519342011. Para se poder receber por *Telegram*, basta inscrever-se no site:

<https://www.carmeloligure.it/iniziativa/caffe-carmelitano/>





TORNA-TE UM FÃ DO EVANGELHO!

És membro da comunidade do *YouTube*? Gostas de vídeos? Gostarias de pertencer a uma comunidade virtual? Esta proposta é para ti!

O padre Nicola Salsa, sacerdote da diocese de Novara, criou um canal no *YouTube*. Uma das grandes vantagens desta rede social é que podes ver os vídeos em qualquer dispositivo, *laptop*, *smartphone*, *tablet*, etc. Através destes vídeos, breves e essenciais, o padre Nicola deseja dar a todos a possibilidade de conhecer o Evangelho da Missa quotidiana de modo simples, todos os dias desde as 07h00, para progredires no caminho da fé. Oferece ainda a possibilidade de seguir as Laudes às 06h30 e as Vésperas às 18h00.

As explicações dos textos bíblicos à disposição sobre este canal podem ser comentadas, partilhadas e valorizadas nas catequese; basta escrever diretamente para o *e-mail*:

nicoladon@gmail.com.

O padre Nicola está ainda presente em outras redes sociais como o *Instagram*, *Spotify* e *Tik-Tok*. Para ser seguidor do Evangelho basta indagar no *site*:

https://www.youtube.com/channel/UCjFaPuCe1M_ju0hdCstulAw/join

A PALAVRA DE DEUS NO TEU E-MAIL!

Queres receber quotidianamente por *e-mail* os textos bíblicos da Missa e o seu comentário? Os Dominicanos oferecem este serviço.

Esta ordem religiosa, fundada por São Domingos de Gusmão, celebra este ano um jubileu especial: há 800 anos, São Domingos faleceu (6 de agosto de 1221). A missão dos Dominicanos é a pregação da Boa Nova, que advém de uma vida de contemplação e de estudo da Sagrada Escritura. Todas as semanas, um grupo de frades, de religiosas, monjas e leigos partilha os frutos da contemplação oferecendo uma reflexão quotidiana sobre a Palavra de Deus.

É possível receber gratuitamente a homilia dos domingos e as reflexões quotidianas sobre o Evangelho via *e-mail*. Para isso basta inserir o próprio endereço de *e-mail* no *site*:

<https://www.dominicos.org/predicacion/evangelio-del-dia/hoy/>

GET UP AND WALK!

É possível refletir sobre o Evangelho do dia também segundo o método da oração inaciana. Uma ajuda sempre

ao alcance para viver a fé no quotidiano, «procurando e encontrando Deus em todas as coisas». Para saberes mais, visita o *site*:

www.getupandwalk.gesuiti.it

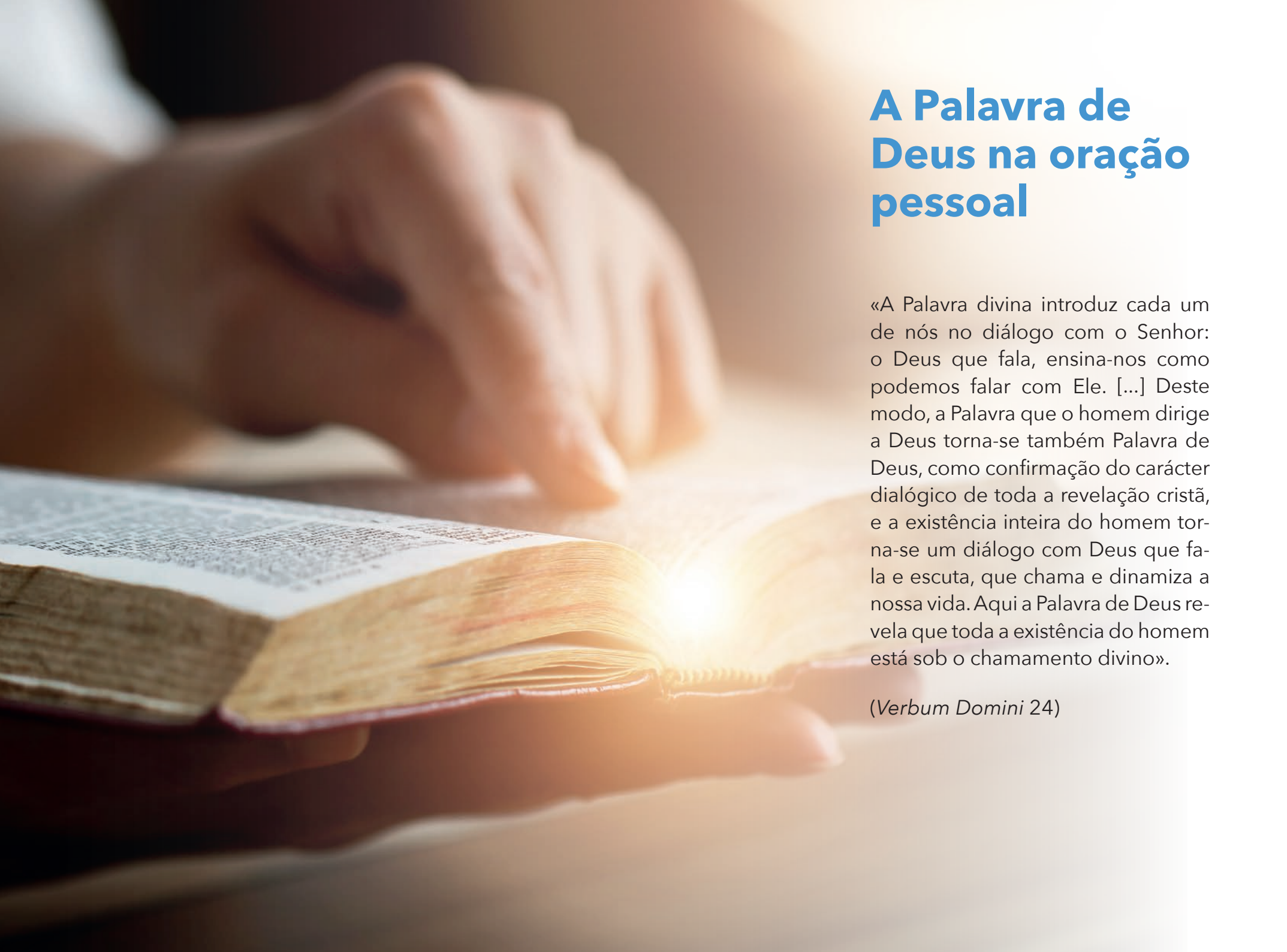
NA PALAVRA

Particularmente interessante é o *site* www.nellaparola.it. Segundo a tradição hebraica e cristã, nas Escrituras Sagradas esconde-se e revela-se um único Deus com muitos rostos. A pluralidade das suas imagens, com que o mistério

de Deus se oferece ao leitor; invoca uma disponibilidade análoga de colher nos textos diferentes níveis de interpretação. Daqui a pluralidade de vozes, diversas mas também semelhantes, dispostas a ficarem serenamente uma ao lado da outra, ao serviço da Palavra. Quem quiser pode ver o trailer de apresentação no *site*: <https://www.youtube.com/watch?v=jm-v7ltiMcf0https://youtu.be/jmv7ltiMcf0>

Nota. Quem organizar o Domingo da Palavra de Deus deve procurar e divulgar iniciativas como as que se descreveram acima.





A Palavra de Deus na oração pessoal

«A Palavra divina introduz cada um de nós no diálogo com o Senhor: o Deus que fala, ensina-nos como podemos falar com Ele. [...] Deste modo, a Palavra que o homem dirige a Deus torna-se também Palavra de Deus, como confirmação do carácter dialógico de toda a revelação cristã, e a existência inteira do homem torna-se um diálogo com Deus que fala e escuta, que chama e dinamiza a nossa vida. Aqui a Palavra de Deus revela que toda a existência do homem está sob o chamamento divino».

(Verbum Domini 24)

UMA EXPERIÊNCIA DE FÉ

A leitura popular e comunitária da Bíblia a partir da fé da comunidade é a experiência do mistério de Deus Pai revelado e encarnado na história em Jesus Cristo pela ação do Espírito Santo. Isto nasce de uma leitura da Bíblia entendida como Palavra viva e vivificante de Deus, libertadora

e transformadora de estruturas, geradora e promotora de vida, que teve início nas comunidades eclesiais de base na América Latina. A Sagrada Escritura é o livro através do qual Deus revela a sua proximidade ao povo, revelando a sua santidade e a do seu povo.

Este método de leitura da Bíblia não é, em primeiro lugar, uma interpretação individualista ou acadêmica

(sempre necessária, útil e insubstituível, mas insuficiente) da Bíblia, mas sobretudo uma leitura realizada na, por e da comunidade, onde todos os participantes contribuem a partir das suas vidas, das suas situações e do seu contexto ou realidade vital, da visão de fé de toda a realidade em vista a um dinamismo ativo e empenhado na comunhão e na unidade, bem como na

vida, na justiça e na paz. «A Bíblia é o livro do povo do Senhor que em sua escuta passa da dispersão e da divisão à unidade. A Palavra de Deus une os crentes e torna-os um só povo» (*Aperuit Illis* 4).

A Bíblia está intimamente ligada à situação concreta de cada leitor; de tal maneira que uma leitura da Palavra de Deus profundamente ligada à vida concreta e quotidiana da comunidade produz uma surpreendente iluminação recíproca entre a Bíblia e a vida. O significado e o alcance da Palavra e das muitas palavras que compõem a Escritura aparecem e enriquecem à luz de muitas e diversas situações que se vivem e se experimentam na vida e vice-versa. No seu conteúdo profundo existe a reflexão viva que assegura que se Deus agiu de modo prodigioso no passado para libertar e dar vida ao seu povo nas várias etapas de sua história, hoje fará o mesmo na história concreta da sua comunidade, a Igreja.

A VIDA E A PALAVRA DE DEUS

Tudo nasce da “vida quotidiana” e da escuta comunitária da Palavra de Deus. É surpreendente notar como as pessoas têm uma capacidade viva em ler a presença de Deus na vida





quotidiana. Para isso baseiam-se indiscutivelmente na experiência humana de cada participante, para que da Palavra revelada e da fé viva em Deus que ela suscita, esta realidade pessoal e comunitária possa ser iluminada e gerar uma resposta de fé que empenhe dinamicamente a todos na transformação do contexto religioso, social, político, cultural e económico. Neste sentido, o método da *lectio divina* nos seus vários passos é de grande ajuda, sem nunca descurar o empenho efetivo na transformação sugerida pela Palavra e sustentada pelo Espírito Santo.

A leitura inicia-se com a partilha da vida de cada participante, da sua situação, dos seus conflitos, das suas perguntas, preocupações, lutas, alegrias e convicções, sucessos e expectativas de vida e de liberdade. Daqui a importância da escuta comunitária de cada um, dos seus desejos profundos de uma vida plena e de ânsia de libertação. Por isso o objetivo não é o de obter respostas a perguntas feitas por outros, mas às que dizem respeito à comunidade naquele momento. Então a Palavra revelará, iluminará, reforçará, elevará, meterá em caminho, dará instrumentos para a ação, construirá a comunidade e louvará e glorificará o Deus vivo e verdadeiro.

É notório como livre e simplesmente os membros da comunidade põem a nu a sua vida com as alegrias e as esperanças, os sofrimentos e as angústias no modo mais simples e direto, sem necessidade de usar uma linguagem discursiva incompreensível ou complicada, optando sobretudo pela narração dos factos, usando comparações, frases populares, ditos, narrações conhecidas de todos, revelando anseios e esperanças que exigem realização e que sem dúvida têm a iluminação de Deus através da sua Palavra, porque Ele os assumiu ao longo da história da salvação.

Uma vez que Deus é amante da vida, é o «Vivente» e atualiza a sua presença vivificante e libertadora na história de hoje, em cada pessoa e na comunidade, esta leitura da Bíblia defende a vida em todas as suas manifestações, bem como a dignidade inalienável e inegociável de cada ser humano como filho ou filha de Deus, sem distinção ou exclusão. A vida e a justiça que advêm da Palavra de Deus são dois pilares fundamentais para a ação e a transformação do ambiente num lugar de vida digna e abundante para todos.

SOB O DINAMISMO DO ESPÍRITO SANTO

Esta leitura da Bíblia é maravilhosa porque nenhum dos leitores considera saber mais que os outros e ninguém pensa ser ignorante, porque todos podem contribuir com a sua realidade e experiência naquilo que Deus revela através da sua Palavra, contida nas Sagradas Escrituras. A leitura e a interpretação da Bíblia na comunidade é determinada pelo dinamismo do que o Espírito diz à comunidade, e por isso é sempre atraente e surpreendente para quem a pratica e para quem a vive em comunidade, porque se surpreende ao ver como os crentes se unem, se empenham na fé e se amam, transformando o seu ambiente.

O frequentar a Bíblia não se baseia na ideia que seja um compêndio de tratados teológicos imparciais ou uma série de lindas histórias exemplares, e muito menos que seja uma literatura piedosa: ela é sobretudo acolhida como Palavra escrita pela qual Deus oferece à comunidade orientações e luz nas várias situações existenciais e nos momentos de dificuldades. Por isso na leitura popular e comunitária da Bíblia não se renuncia aos recursos das ciências bíblicas, mas o contributo destes recursos não é só feito para adquirir

conhecimentos ou para acumular dados acerca do passado, mas para obter, sob a luz e o dinamismo do Espírito, numa perspetiva de fé, contributos para a orientação e o discernimento das situações, tantas vezes complexas, que a comunidade está vivendo.

A PRESENÇA DE DEUS É CELEBRADA COM GRANDE ALEGRIA

Igualmente é surpreendente que a leitura popular e comunitária da Bíblia não permaneça apenas como uma leitura, interpretação e atualização do texto, mas sendo a mediação de um encontro com Jesus Cristo exige a celebração do mistério revelado por Deus ao seu povo. É então que o louvor, a ação de graças, a adoração, a festa, a partilha do alimento e dos bens, a solidariedade com os mais necessitados, uma maior justiça de que fala São Mateus, brotam com toda a sua frescura e cor. Deus é parte do seu povo e nós devemos celebrá-lo de modo grandioso e com todo o fervor popular.

A sucessiva análise do texto de *Lc* 1, 1-4; 4, 14-21 proposto no III Domingo do Tempo Comum, ciclo C, permite-nos apreciar a riqueza deste método.

Leitura popular e comunitária do Evangelho do III Domingo do Tempo Comum

O Papa Francisco em *Aperuit Illis* 8 afirma: «Cristo Jesus bate à nossa porta através da Sagrada Escritura; se ouvirmos e abrirmos a porta da mente e do coração, então entra na nossa vida e fica connosco». Estejamos, pois, prontos a escutar o Mestre com um coração e uma mente bem dispostos, mas sobretudo com a nossa vida para O acolher, para discernir o que quer e para construir a comunidade de fé.

AMBIENTAÇÃO

No centro da sala em que se faz a reunião, podem-se colocar duas Bíblias, uma aberta no Livro de Isaías e outra no Evangelho de São Lucas, e de cada uma delas se pode fazer a respetiva leitura bíblica. Isto permitir-nos-á tomar consciência da Palavra pronunciada nos tempos antigos como “promessa” e da Palavra proclamada no tempo da “plenitude” da revelação.

Oração inicial

Senhor Jesus, a experiência de fé dos homens e das mulheres que caminhavam contigo pelas terras da Galileia e da Judeia plasmou a obra que São Lucas, por inspiração do Espírito Santo, nos apresenta para podermos conhecer o Deus da nossa “Salvação”.

Ensinai-nos a acolher a tua Palavra com a sua história e, da história destes homens e mulheres, ilumina e encoraja as nossas ações em favor da transformação do mundo, para que a tua

salvação chegue a todos, sem exceção, mas sobretudo àqueles que mostras-tes serem os destinatários privilegiados da Boa Nova do ano da graça do Senhor: os pobres, os prisioneiros, os

cegos, os oprimidos e os inumeráveis e novos desprezados e marginalizados da sociedade, da cultura e da economia. *Ámen.*





LEITURA DO TEXTO

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 1, 1-4; 4, 14-21)

Muitas pessoas já tentaram escrever a história dos acontecimentos que se passaram entre nós. Elas começaram do que nos foi transmitido por aqueles que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra. Assim, após fazer um estudo cuidadoso de tudo o que aconteceu desde o princípio, também eu decidi escrever uma narração bem ordenada, excelentíssimo Teófilo. Deste modo, poderás verificar a solidez dos ensinamentos que recebeste.

Jesus voltou para a Galileia, com a força do Espírito, e a sua fama espalhou-se por toda a redondeza. Ensinava nas sinagogas e todos O elogiavam. Jesus foi à cidade de Nazaré, onde Se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga e levantou-Se para fazer a leitura. Deram-Lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos, e aos cegos a recuperação da vista; para

libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor». Em seguida Jesus fechou o livro, entregou-o ao ajudante e sentou-Se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos n'Ele. Então Jesus começou a dizer-lhes: «Hoje cumpriu-se esta passagem da Escritura que acabais de ouvir».

OLHEMOS PARA A REALIDADE DO "HOJE" DAS NOSSAS COMUNIDADES

A atividade seguinte pode ser feita individualmente e até preferencialmente em grupo (trata-se de uma leitura comunitária da Bíblia). Se for feita em grupo, será uma boa ideia porque permite partilhar o que dela emergir.

Abramos os olhos sobre a nossa realidade, perscrutemos a nossa vida quotidiana e perguntemo-nos:

- De que situações religiosas, sociais, culturais, políticas e económicas somos testemunhas oculares hoje (se necessário, podem ajudar também os trechos de *Lc 1, 5-7; 2, 1-3; 3, 1-2.7-14.19-20*).
- Quem (e eu também estou incluído) e quando agem com a força e a unção do Espírito Santo e quando não?
- Quem são os servidores da Palavra

e quem são os que a procuram sufovar e paralisar o seu dinamismo?

- Qual é a solidez do ensinamento que recebemos e como contribuiu ou não para dar vida abundante à nossa comunidade?
- O que é que é ensinado "hoje" em nome de Deus nos meios de comunicação da sociedade?
- Que ações libertadoras produz a presença do Espírito nos membros da comunidade (se necessário, podem ser úteis os textos de *At 4, 19-20; 5, 29.41-42*)?
- Como se anuncia e se manifesta a força dinâmica do Espírito naqueles que estão oprimidos por vários males sociais, económicos, políticos e culturais? (cf. *Lc 7, 21-23*).
- De que modo a Palavra de Deus, tanto do Antigo Testamento como a da pregação de Jesus, proclama o ano de graça do Senhor para todos e especialmente para os que São Lucas quer pôr em evidência?
- Que efeitos tem o anúncio de Jesus sobre os ouvintes de hoje?

OLHEMOS ATENTAMENTE PARA O TEXTO DE SÃO LUCAS

Observemos as ações de Jesus na Galileia, em Nazaré, na sinagoga:

- Descubra e marca no texto todos os verbos que descrevem as ações de Jesus.
- Identifica e marca as palavras que indicam a reação do povo para com Jesus, pela leitura e pela sua proclamação da Palavra.

O contexto da ação do Espírito Santo em São Lucas

A encarnação de Jesus é obra do Espírito Santo (*Lc 1, 35*), o mesmo Espírito permitiu a Simeão reconhecer no Menino Jesus o "Salvador" (*Lc 2, 30*), graças a Ele Ana vê o "Libertador" tão esperado (*Lc 1, 38*), João Batista anuncia que há Alguém com uma autoridade maior que a sua, e que batizará no Espírito Santo e no fogo (*Lc 3, 16*), quando Jesus foi batizado no Jordão o Espírito Santo desceu sobre Ele (*Lc 3, 21-22*), o mesmo Espírito conduziu-O no deserto durante quarenta dias onde foi tentado pelo diabo (*Lc 4, 1-13*). Na força do Espírito, Jesus volta à Galileia onde ensina nas sinagogas (*Lc 4, 14-15*).

Os textos que São Lucas apresenta têm um fio condutor e um elemento comum que é o Espírito Santo: este autoriza Jesus para a missão, reforça-O na tentação e dá-Lhe força e dirige-O. As narrações do nascimento evidenciam a presença do Espírito Santo na pessoa de Jesus: não apenas o Espírito



pousa sobre Ele desde que nasceu, mas é gerado por Ele. O Espírito desce em forma de pomba sobre Jesus. A voz de Deus proclama-o como Messias esperado a partir de Isaías e n'Ele o Espírito habita de modo eminente. São Lucas refere-se às profecias de Isaías que “hoje” se realizaram em Jesus.

Hoje cumpre-se esta Escritura:
Lc 4, 18-19 (cfr. Is 61, 1-2; 58, 6)

O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso me consagrou com a

unção e me enviou a levar aos pobres um alegre anúncio, a proclamar aos presos a libertação e aos cegos a vista; a pôr em liberdade os oprimidos e a proclamar o ano da graça do Senhor.

A leitura do texto por parte de Jesus na sinagoga fez ressoar uma notícia extraordinária, a Boa Nova de Deus. E não apenas: provocou admiração, tensões e luta dramática. Esta cena do Evangelho representa a síntese e o modelo da pregação de Jesus, que se apresenta como Messias, provoca um

grande entusiasmo, ainda que fugaz, porque a luta e a rejeição continuarão imediatamente, como leremos no IV Domingo do Tempo Comum.

Mas a cena é maravilhosa do ponto de vista da força da Palavra de Deus proclamada por Jesus com a autoridade do Espírito Santo. Os vv. 20-21 atingem na sua simplicidade e pela sua força reveladora. Uma vez que o rótulo foi fechado e posto no seu devido lugar, o ensinamento é esperado, e por isso Jesus «se sentou» para o administrar.

Talvez alguns ouvintes comentaram consigo mesmos ou entre si: “Se este homem fala assim, o que é que se pode esperar do seu ensinamento? Temos de O ouvir!”. Jesus, então, sentou-Se, mas não para iniciar um ensinamento solene, nem para explicar o conteúdo do texto, nem para expor belas exortações ou sábios conselhos, nem para exigir empenhamentos heroicos, mas para indicar o cumprimento da Palavra, que se realiza no hoje da história e do povo que a deseja e a acolhe com fé. Tudo o que foi anunciado e proclamado no passado de Israel cumpre-se “hoje”.

A Palavra proclamada com autoridade feriu não apenas as “orelhas” dos participantes no culto sinagoga naquele fatídico sábado em Nazaré, pois até os “olhos” de todos se fixaram no pregador que, sem dúvida, é o Messias

prometido que, ao usar um texto de Isaías, anunciou o que será a sua atividade na Galileia e pela qual deve ser reconhecido até pelo seu precursor, João Batista, ao qual refere apenas os factos que os seus enviados “viram e sentiram”. Os factos estão perante os seus olhos e nos seus ouvidos: «Os cegos readquirem a vista, os coxos caminham, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres recebem a Boa Nova». Os enviados vão contar a João o que “viram e ouviram hoje”, não são precisas apresentações de razões teológicas, mas somente factos concretos, nenhum documento, mas eventos libertadores, que revelam o ano da graça do Senhor.

O que abre os ouvidos à Palavra de Deus são as palavras de louvor a Deus proclamadas por aqueles que estavam cegos e agora veem; dos coxos que agora caminham pelas ruas a anunciar a ação poderosa de Deus no seu corpo; dos que estavam mudos e agora falam, louvam e glorificam a Deus; dos leprosos que mostram a sua carne limpa e a sua reinserção na comunidade e na santa assembleia; dos mortos que proclamam com a sua vida que a morte foi destruída graças ao mistério pascal; dos pobres que vivem na proximidade da salvação graças ao anúncio da Boa Nova da salvação; dos que estavam





mudos e agora podem dizer a todos que Deus foi maravilhoso com eles.

Na verdade, tudo o que “hoje” acontece é uma experiência maravilhosa de alegria expansiva que é contagiosa, que anuncia, que faz arder o coração e abre os olhos à ação do Salvador. Compreende-se então a razão da passagem de *Is* 61, 1-2 ser particularmente apropriada para descrever a missão de Jesus. Ele foi consagrado por uma unção, não com azeite, como os reis e os sacerdotes do Antigo Testamento, mas com o Espírito Santo.

A Palavra tem esse poder que irrompe na vida de quem anda cansado de ouvir e não espera absolutamente nada; apresenta aos seus “olhos e aos seus ouvidos” “factos” que dão razão das palavras escritas em tempos longínquos e que, quando são analisadas e proclamadas na força do Espírito Santo, abrem o mistério da Encarnação ao hoje da comunhão que deixa falar os factos realizados nos quais encontra razões para assumir o seu empenhamento em todo o seu dinamismo na transformação da sociedade.

O contexto no interior do Evangelho segundo São Lucas

A secção de *Lc* 4, 14–9, 50 é dedicada ao ministério de Jesus na Galileia. Jesus revela-Se nestes capítulos através da sua

ação e da sua Palavra: evangeliza, cura, exorciza, convida à conversão. É uma apresentação global de Jesus: nas sinagogas de Nazaré, Cafarnaum e de toda a Galileia apresenta-Se como o profeta-salvador; o hoje da salvação, Aquele que cria o discipulado, Aquele que experimenta a rejeição.

São Lucas reconhece nesta atividade de Jesus na Galileia um momento revelador, como se vê pelos títulos que Lhe confere: Filho de Deus, Filho do Homem, Cristo ou Mestre. Tal atividade é também uma proposta programática para o futuro da missão, que para São Lucas é já uma realidade presente e ativa.

Nas narrações das cenas seguintes veremos o cumprimento de tudo o que Jesus anunciou. O Evangelho será proclamado aos pobres que considera bem-aventurados (6, 20; 7, 22), a vista será dada aos cegos (8, 35-43), a libertação dos espíritos malignos a muitos (7, 21). Em tudo quer mostrar como a Escritura se realiza em Jesus e através de Jesus, dando pleno cumprimento à vontade salvífica de Deus que salva, cura e liberta o seu povo.

Na sinagoga não havia necessariamente um pregador oficial da Palavra de Deus, mas qualquer homem israelita com idade legal tinha o direito de ler um texto da Escritura e dizer umas

palavras de explicação, e é por isso que Jesus pôde falar naquele sábado em plena assembleia reunida. A leitura do texto sagrado era feita de pé por respeito para com a Palavra de Deus, ao passo que o ensinamento era feito sentado.

O anúncio do ano da graça alude aos anos jubilares em cada cinquenta anos e aos anos sabáticos a cada sete anos (cf. *Lv* 25, 10-17). A finalidade destes anos era a restauração completa da justiça, a libertação dos escravos, o perdão dos débitos e a restituição dos bens. Mas se para alguns estes eram um ano de graça (*Is* 61, 1-2), para outros eram anos de vingança (*Is* 61, 3). A vingança no Antigo Testamento podia ser atribuída a Deus ou aos seres humanos e consistia na defesa dos direitos dos fracos e na reparação das injustiças. Todavia, Jesus conclui a sua leitura no v. 2 de Isaías, evitando a menção do dia da vingança no v. 3. Jesus concentra a sua mensagem na Boa Nova para todos: Deus não O enviou para condenar ou vingar-Se.

Um detalhe importante para a compreensão do texto é que na época a religião defendia os direitos dos pobres, dos indigentes e dos indefesos. A legislação encorajava um evidente espírito social: equidade nos salários, proibição de empréstimos usurários, ano jubilar, esmolas, permissão de mendigar, aplicação da justiça sem aceção de

pessoas para se evitar, na medida do possível, o empobrecimento, ajudar e proteger os pobres de modo consciente (cf. *Lv* 19, 15).

Em *Lc* 14, 7-14 Jesus exorta um senhorio de casa a convidar ao banquete os pobres e os que o não podem convidar e promete a quem isto fizer a recompensa escatológica; na parábola do grande banquete de *Lc* 14, 16-23 os pobres são também os primeiros a ser convidados, em substituição dos que se escusaram a comparecer; em *Lc* 16, 20.22 Lázaro, cujo nome significa “Deus ajuda”, é o protótipo do pobre acolhido por Deus, ao passo que em *Lc* 12, 13-21 o rico sem nome que não teve piedade dele é imagem do que é condenado devido a suas ações injustas.

O texto de São Lucas permite-nos contemplar o cumprimento da profecia de Isaías, porque Jesus revela-Se o profeta messiânico esperado. No contexto de Isaías, o profeta faz o anúncio profético do Messias perante a tensão vivida pelo povo de Israel, sobretudo devido à divisão. São Lucas, por seu lado, com este texto sublinha o sentido da unção por parte do Espírito, com que se inaugura a atividade pública de Jesus, que faz curas, prega, se deixa conduzir pelo Espírito. O Espírito autoriza, inspira e conduz Jesus em missão como fez com os profetas de um tempo.



O significado do anúncio de Jesus é plenamente dirigido à missão profética de anunciar e proclamar a Boa Nova do Senhor: O que foi anunciado por Isaías está-se a realizar profeticamente em Jesus. Ele apresenta-Se como o convidado de Deus, precisamente como o profeta, mas com a diferença que Ele personifica a Boa Nova de Deus

desejada e esperada pelo povo.

São Lucas recorrerá repetidamente à imagem dos pobres, tanto no sentido social do termo, como daqueles que não têm nada de material, mas também pensando nos pobres em contraposição aos ricos que pelo seu coração ávido são punidos, ao passo que os pobres (os que apenas a Deus possuem) são libertados.

Jesus aproxima-Se destes grupos de pessoas com uma mensagem de esperança, quer reuni-los como rebanho especial de Deus; a sua missão é que estas pessoas experimentem ser amadas por Deus e se sintam ricas porque «seu é o Reino dos Céus». O Evangelho indicá-os como os mais próximos a alcançar a salvação.

A expressão «libertar os presos» refere-se ao contexto da comunidade de Isaías, que vive na fase de libertação do cativeiro babilónico: uma parte do povo está ainda cativo, e a eles o profeta lança o seu grito de esperança porque ainda estão longe de Jerusalém. Jesus lança um grito de esperança para todos os que esperam a liberdade. Ele vem romper as ligações que mantêm prisioneiros os seres humanos e não lhes permitem serem livres.

Jesus vem acabar com a opressão causada pelo pecado de escravidão com a sua vida, a sua morte na cruz e a sua ressurreição-ascensão; Ele vem libertar os que estão esmagados pelo pecado e pelas injustiças sociais, vem curar os corações aflitos e dar-lhes a dignidade de convidados ao banquete do Reino de Deus.

ATUALIZAR A PALAVRA ACENTUANDO-LHE OS DESAFIOS

Cada encontro pessoal e comunitário com a Palavra de Deus tem o efeito salvífico de mudar as pessoas que ouvem, porque a escuta está intimamente ligada à ação, ao empenhamento e à solidariedade com os que são privilegiados na evangelização. Daqui a necessidade de se tomarem





empenhamentos realizáveis e adaptados ao nosso ambiente.

- Jesus encoraja-nos como comunidade a nutrir-nos quotidianamente da Palavra de Deus para sermos, como Ele, contemporâneos (“hoje”) e portadores de Boas Novas de libertação para as pessoas que encontramos: os pobres, os prisioneiros, os cegos, os oprimidos e os novos e inumeráveis desprezados e marginalizados da sociedade, da cultura e da economia.
- Jesus exorta a abrir os olhos para sair-se do individualismo que leva à asfixia e à esterilidade, para percorrer com coragem, dignidade e responsabilidade cristã o caminho da partilha e da solidariedade com os que Ele escolheu preferencialmente.
- Jesus mostra a urgência vital de hoje se andar a anunciar com autoridade e determinação (*parresía*) o Evangelho a todos, por toda a parte e em todas as ocasiões, sem engano, sem tristeza e sem medo, porque a alegria do Evangelho é para todo o povo, sem exclusão de ninguém.
- Jesus revela quem devemos privilegiar no anúncio: os pobres e os doentes, os que muitas vezes são desprezados e esquecidos, os que nada têm para retribuir.
- Jesus assegura que hoje e sempre os pobres são os destinatários privilegiados

do Evangelho, e que a evangelização gratuita é um sinal do Reino que Ele veio inaugurar.

- Jesus não deixa dúvidas pelo facto que existe uma ligação inseparável entre a nossa fé e o cuidar e a libertação dos pobres e que não há razões válidas para os deixar abandonados, mas razões urgentes para nos empenharmos com as suas lutas e na procura da justiça.
- Jesus pede-nos uma espiritualidade eclesial que garanta, liberte, dê vida e paz, que chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, que humanize a todos sem distinção nem exclusão e dê glória a Deus.

ORAÇÃO E CELEBRAÇÃO

Este momento de reflexão com a Palavra de Deus pode ser concluído com a seguinte oração recitada por todos os participantes:

Jesus, graças Te sejam dadas pela frescura da Palavra de Deus que, profetizada no passado num preciso momento histórico da vida do teu povo, Tu atualizas no presente com todo o dinamismo e a força do Espírito Santo. Tu queres abrir-nos ao fortalecimento da comunhão e da unidade com todos, mas sobretudo com os que a religião,

a sociedade, a cultura e a economia puseram de lado: os pobres de todos os tempos, sobretudo os novos e inumeráveis pobres de hoje. Ensina-nos a assumir com coragem o empenhamento de transformar a realidade, ainda que no caminho encontremos obstáculos, rejeições, juízos, críticas e até o martírio, testemunhando com a nossa vida o teu poder salvífico, libertador, consolador e vivificante, e tendo como objetivo alcançar a vida eterna que nos ofereceste no teu mistério pascal. Tu que vives e reinas pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

No final do encontro, a vida, a alegria, a consolação e a paz que a Palavra nos deu serão partilhadas com todos e, se for possível, também se pode partilhar o pão da solidariedade, a mesa da comunhão, uma longa mesa na qual cada um tenha lugar.

CONTINUA A CONTEMPLAR

O conteúdo do Evangelho pode ser ulteriormente aprofundado lendo o seguinte texto do Papa Francisco:

Para a Igreja a opção pelos pobres é uma categoria teológica mais que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus concede-lhes a eles em primeiro

lugar “a sua misericórdia”. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a ter «os mesmos sentimentos de Jesus» (*Fl 2, 5*). Inspirada por ela, a Igreja fez uma opção pelos pobres entendida como uma «forma especial de primazia no exercício da caridade cristã, da qual dá testemunho toda a tradição da Igreja». Esta opção – ensinava Bento XVI – «está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para nos enriquecer mediante a sua pobreza». É por isso que eu desejo uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito que nos ensinar. Além de participarem no *sensus fidei*, com os seus sofrimentos conhecem melhor que ninguém Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas existências e a colocá-las no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles, a emprestar-lhes a nossa voz em favor das suas causas, mas também a ser seus amigos, a ouvi-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sapiência que Deus quis comunicar-nos através de suas vidas (EG 198).

Testemunho. A Palavra de Deus pode transformar o coração



TOKICHI ISHII

Nasceu em 1871, em local desconhecido, no Japão.
Morreu em 1918 em Tóquio, no Japão.

«Gostaria de vos contar como o meu coração foi mudado pela força de Jesus Cristo. Mas primeiramente faço uma premissa. Quando era menino, os meus pais eram pobres e eu frequentei

a escola só durante dois anos. Desde então, há mais de trinta anos, poucas vezes tive um lápis na mão, até a este momento em que escrevo esta história da minha vida».

Com estas palavras muito simples e ao mesmo tempo tocantes, um condenado à morte começa a escrever o testemunho de como a Palavra de Deus transformou definitivamente a sua vida. Como é que tudo isto aconteceu?

Os primeiros anos felizes do pequeno Tokichi Ishii mudam rapidamente devido a uma situação muito complexa e dramática. Como ele mesmo disse: «Vivíamos muito comodamente até aos meus quatro ou cinco anos, mas naquele tempo o meu pai perdera tudo por causa da dependência do álcool, e a minha mãe entrou em esgotamento devido às lides domésticas».

Tokichi é obrigado a deixar a escola aos dez anos e sua mãe pede-lhe para dedicar o tempo a acompanhar o pai na tentativa de o levar a abandonar a bebida. Foi em vão. A dependência do pai era mais forte que as súplicas do filho pequeno. Alguns meses mais tarde a mãe de Tokichi adoece gravemente e o pai transfere-a, juntamente com o filho, para casa de uma tia, e abandona-os. Vivem numa extrema pobreza: nem podem permitir-se uma visita ao médico. Aos onze anos o pequeno Tokichi consegue ganhar umas moedinhas com que compra remédios que alguns vizinhos aconselham à mãe, salvando-lhe a vida.

Pouco depois dá-se o regresso do pai e toda a família se reúne de novo; todavia tem início outro problema: «Infelizmente no bairro em que antes habitavam, todos tinham jogos de azar, até as crianças de doze ou treze anos. Até àquela ocasião ninguém me conhecia porque fugia de todos, mas naquele bairro era fácil aprender maus costumes e cedo comecei a jogar ao bicho como os outros. Então comecei a ter falta de dinheiro: o pouco que meus pais me davam não chegava, e comecei a roubar. Este foi o início da minha vida criminosa».

De pequenos crimes, Tokichi passa bem depressa a outros mais graves. As vantagens da criminalidade levam-no a ações cada vez mais audazes. Aos dezanove anos, ao roubar, é capturado pela polícia. É condenado e vai para a cadeia. Superado o medo inicial da prisão, habitua-se às regras de vida de um encarcerado: «Quando fui condenado à cadeia pela quarta vez, já era um criminoso inveterado. Numa comunidade penitencial os presos distinguem-se graças à medida dos seus crimes. Quanto mais criminoso, maior é a honra, e os homens gloriavam-se abertamente das depredações que cometeram».

Tokichi esforça-se em se afastar da realidade criminosa. Casa-se e durante três anos passa uma vida modesta, mas feliz, com a sua mulher. Um dia vem visitá-lo um amigo da cela e a vida criminosa é retomada, cada vez mais cruel e desenfreada. A condenação a onze anos de cadeia muda-o profundamente. Tokichi começa a odiar os guardas e a revoltar-se contra eles. Por sua vez, o seu comportamento é severamente punido. O círculo vicioso do ódio sobe-lhe à cabeça e torna o coração de Tokichi impenetrável para o bem. Várias vezes tenta sair deste círculo, mas só consegue por breve tempo, para se precipitar de novo numa vida criminosa cada vez mais violenta. Ultrapassa outro confinamento da consciência: durante os assaltos começa a assaltar pessoas.

Em 1915, Tokichi é definitivamente capturado e admite numerosos crimes cometidos, entre os quais alguns homicídios. Antes do processo, fechado a sós numa cela da cadeia de Tóquio, faz as contas não apenas com o sistema judiciário, mas também com a sua consciência. O seu cárcere é visitado por duas missionárias: a senhora West e a senhora McDonald, que distribuem víveres, falam com os condenados e dão-lhes uma Bíblia. Foi assim que na passagem de ano de 1915 para

1916, Tokichi recebe a oferta de um Novo Testamento. Aborrecido, abre o livro mais do que uma vez ao acaso, lê como os discípulos de Jesus, Tiago e João, queriam fazer descer o fogo sobre uma aldeia samaritana (cf. *Lc* 9, 52-58), lê também a parábola da ovelha perdida (cf. *Lc* 15, 1-7), todavia não se impressiona com estes textos.

Passam mais uns dias e Tokichi abre de novo a Bíblia. Desta vez lê que Jesus está perante Pilatos e pensa: «Esta pessoa chamada Jesus era evidentemente um homem que tentou levar outros a uma vida virtuosa, pareceu-me uma coisa desumana crucificá-lo simplesmente porque tinha opiniões religiosas diferentes das dos outros. Eu também, sendo um duro criminoso, pensava que fosse realmente vergonhoso que os seus inimigos O tratassem deste modo».

Tokichi, então, continuou a ler. «A minha atenção caiu na frase: “E Jesus disse: Pai, perdoai-os porque não sabem o que fazem”. Aqui fechei o livro: fora atingido no coração, como se fosse com um prego de dez centímetros. O que este versículo me revelou? Posso chamá-lo o amor do coração de Cristo? Posso chamá-lo a sua compaixão? Nem sei como chamá-lo. Sei apenas que com um coração indescritivelmente grato comecei a crer».

Apesar de ser um condenado à morte, Tokichi Ishii encontrou o conforto na Palavra de Deus. Inicia a sua viagem de fé e de transformação, sempre na companhia das duas missionárias. Escreve a sua autobiografia que até este momento é o seu testemunho desse encontro com o Deus vivo na sua Palavra.

Tokichi Ishii, condenado à morte por todos os seus homicídios, foi executado em Tóquio em 17 de Agosto de 1918, às 09h00. O capelão anotou que o coração de Tokichi estava calmo e tranquilo, quando pronunciou as suas últimas palavras: «Manchei o meu nome e o meu corpo morre nesta cadeia, mas a minha alma, purificada, regressa hoje à Cidade de Deus».



Apêndice.

A Igreja e a Palavra de Deus

«A Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela. Ao longo de todos os séculos da sua história, o Povo de Deus encontrou sempre nela a sua força, e também hoje a comunidade eclesial cresce na escuta, na celebração e no estudo da Palavra de Deus».

(Verbum Domini 3)

Para aprofundamento do conteúdo espiritual dos textos bíblicos do III Domingo do Tempo Comum, ciclo C, oferecem-se comentários que os últimos Sumos Pontífices fizeram nalgumas de suas intervenções.

COMENTÁRIO DO PAPA JOÃO PAULO II

O Papa João Paulo II, em 23 de janeiro de 1983, por ocasião da sua visita pastoral à paróquia romana de



Santa Maria Regina Pacis, durante a homilia fez o seguinte comentário à primeira leitura daquele domingo:

A primeira leitura, tirada do Livro de Neemias, lembra-nos com que veneração o Povo de Deus do Antigo Testamento ouvia as palavras da Sagrada Escritura, lidas pelo sacerdote Esdras no dia “consagrado a Deus”: «Esdras abriu o livro na presença de todo o povo [...], e depois de aberto, todo o povo se levantou e pôs-se de pé, Esdras abençoou o Senhor Deus poderoso e todo o povo respondeu: Ámen, ámen!» (*Esd 9, 5-6*)... Que a escuta da Palavra de Deus faça alegrar o nosso coração e guie a nossa conduta [neste] Ano do Senhor e durante toda a nossa vida. Ámen!

COMENTÁRIO DO PAPA BENTO XVI

Por ocasião da Semana de Oração pela unidade dos cristãos, o Papa Bento XVI, durante o *Angelus* de 24 de janeiro de 2010, fez o seguinte comentário à segunda leitura daquele domingo:

Entre as leituras bíblicas da liturgia de hoje temos o célebre texto da Primeira Carta aos Coríntios em que São Paulo compara a Igreja ao corpo humano... A Igreja é pensada como corpo, do qual Cristo é a cabeça, que forma com Ele uma unidade. Todavia o que ao Apóstolo mais interessa comunicar é a ideia de unidade na multiplicidade dos carismas, que são os dons do Espírito Santo. Graças a eles, a Igreja apresenta-se como um organismo rico e vital, não uniforme, fruto do único Espírito que conduz a todos para a unidade profunda, assumindo as diversidades sem as abolir e realizando um conjunto harmonioso. Ela prolonga na história a presença do Senhor ressuscitado, em especial mediante os sacramentos, a Palavra de Deus, os carismas e os ministérios distribuídos na comunidade. Por isso, é precisamente em Cristo e no Espírito que a Igreja é una e santa, ou seja, uma comunhão íntima que transcende as capacidades humanas e as apoia... A Virgem Maria, Mãe da Igreja, nos obtenha sempre progredir na comunhão, para transmitir a beleza de ser uma só coisa na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo.



COMENTÁRIO DO PAPA FRANCISCO

O Papa Francisco, durante a sua viagem apostólica ao Panamá por ocasião da XXXIV Jornada Mundial da Juventude, na Santa Missa celebrada no Metro Park São João Paulo II, perante setecentos mil jovens provenientes de 160 países do mundo, comentando o Evangelho daquele domingo, disse:

«Na sinagoga, os olhos de todos estavam fixos n'Ele. Então começou a dizer-lhes: Hoje cumpriu-se esta Escritura que acabais de ouvir» (Lc 4, 20-21). Foi assim que o Evangelho nos apresentou o início da missão pública de Jesus. Disse-o na sinagoga que O viu crescer, rodeado de gente conhecida e de vizinhos ou até de algum seu antigo “catequista” na infância que lhe ensinara a Lei... Uma Palavra proclamada que até àquele momento era uma promessa do futuro, mas na boca de Jesus podia somente querer dizer tratar-se de uma realidade do presente: «Hoje cumpriu-se». Jesus revela agora que Deus veio ter connosco para chamar cada um de nós a tomar parte no seu agora, presente, do qual fazia parte: «levar aos pobres uma

boa nova», «proclamar aos presos a libertação e aos cegos a vista», «dar liberdade aos oprimidos» e «proclamar um ano da graça do Senhor» (cf. Lc 4, 18-19). É o agora de Deus feito presente em Jesus, feito rosto, carne, amor de misericórdia que não está à espera de situações ideais ou perfeitas para a sua manifestação, nem aceita desculpas para a sua realização. Ele é o tempo de Deus que torna justa e oportuna toda a situação e qualquer espaço. Em Jesus inicia-se e se faz vida o futuro prometido. Quando? Agora. Mas nem todos que O escutaram se sentiram convidados ou convocados. Nem todos os habitantes de Nazaré estavam prontos para acreditar num homem conhecido e que todos tinham visto crescer e que os convidava a realizar um sonho tão ansiado. Pelo contrário, diziam eles: «Não é este o filho de José?» (cf. Lc 4, 22).

Também a nós pode suceder o mesmo. Com efeito, raramente acreditamos que Deus possa ser tão concreto e quotidiano, tão próximo e real, e menos ainda que Se faça tão presente e atue através de alguém conhecido como um vizinho, um amigo, um familiar... Nós também podemos correr estes mesmos riscos, quando nas nossas comunidades

o Evangelho quer ser vida concreta e começamos a dizer: “mas estes jovens não são filhos de Maria, de José, não são irmãos de...? Seus pais...? Não são os mesmos que ajudamos a crescer...? Porque não se cala, como poderemos acreditar nele? Este mesmo, não era aquele que só partia vidros com a bola?”. E alguém que nasceu para ser

profecia e anúncio do Reino de Deus é banalizado e diminuído. Querer banalizar a Palavra de Deus é uma tentação quotidiana... E tal como aconteceu na sinagoga de Nazaré, o Senhor, no meio de nós, dos seus amigos e conhecidos, põe-Se novamente de pé, pega no livro e diz-nos: «Hoje cumpriu-se esta Escritura que acabais de ouvir» (Lc 4, 21).



A publicação da Carta Apostólica *Spiritus Domini*, que modifica o cânone 230 § 1 do Código de Direito Canônico para dar às mulheres a possibilidade de acesso aos ministérios instituídos do Leitorado e do Acolitado, bem como a *Carta do Santo Padre Francisco ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé* sobre o mesmo argumento, ambas publicadas em 10 de janeiro de 2021, oferecem a possibilidade de aprofundamento de alguns aspectos do Ministério do Leitorado de um ponto de vista bíblico para favorecer a sua instituição nas comunidades.

UMA IGREJA MINISTERIAL

A Igreja é um tecido de relações que recebe linfa da vida de Cristo que copiosamente circula graças ao anúncio da Palavra «regra suprema da fé» (DV 21), à fração do pão na celebração da Eucaristia com a qual «é representada e efetuada a unidade dos fiéis» (LG 3), à oração dos crentes e à comunhão (cf. *At* 2, 42). Esta vida divina, que a partir do batismo desliza nas veias dos crentes, leva a viver toda a existência como uma liturgia que se torna diaconia, isto é, que se coloca ao serviço alegre de Cristo e dos irmãos (cf. *Rm* 12, 1-8). Tal diaconia ou

ministerialidade, constitutiva da vida da Igreja e que se manifesta de modo especial «na participação plena e ativa de todo o povo santo de Deus nas mesmas celebrações litúrgicas» (SC 41), não se esgota nos ministérios ordenados (episcopado, presbiterado e diaconado) conferidos mediante um rito de ordenação sacramental, mas enriquece-se também de ministérios instituídos como o Leitorado e o Acolitado (cuja atribuição não é chamado «ordenação» mas «instituição») e de outros ministérios que são confiados aos fiéis leigos sem um rito litúrgico.

O Leitorado e o Acolitado não nascem do sacramento da Ordem, mas são precisamente instituídos pela Igreja considerando «a aptidão que os fiéis têm, por força do Batismo, de se encarregarem de tarefas e deveres especiais na comunidade» (*Evangelização e ministérios* 62). São um dom com que o Espírito Santo edifica a Igreja e comportam uma graça que é obtida pela intercessão e pela bênção da Igreja. O Leitorado e o Acolitado representam assim um dos pontos de chegada da reforma inspirada pelo Vaticano II e ao mesmo tempo também um ponto de partida para desenvolvimentos ulteriores, sobre os quais refletir hoje, depois das questões levantadas pelo Sínodo da Amazônia e ainda dos

desafios colocados pela pandemia da covid-19, para alimentar a fé dos batizados em circunstâncias de restrição temporal das liberdades pessoais, incluindo a receção dos sacramentos.

Assim como «a fé vem da escuta e a escuta tem que ver com a Palavra de Cristo» (*Rm* 10, 17), é necessário que a Igreja envie aos irmãos que «andam a fazer um feliz anúncio do bem» (*Rm* 10, 15), fiéis leigos, homens e mulheres, dedicados a proclamar a Palavra durante a celebração eucarística e a transformá-la em vida através do testemunho pessoal, a evangelização e a catequese. Ícone da Igreja que anuncia ao mundo o Evangelho, o leitor ou leitora responde ao mandato recebido do Ressuscitado – «Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura» (*Mc* 16, 15) –, faz ressoar a Palavra dando voz a Deus na assembleia e, proclamando-a com a sua pessoa, atualiza-a e oferece-lhe uma primeira compreensão.

O dever profético de proclamar a Palavra na assembleia é o sinal sacramental da martyria (testemunho) daquela mesma Palavra na vida do mundo. Tal obrigação, todavia, não se esgota no contexto da celebração litúrgica, mas estende-se a um serviço que interceta os irmãos e as irmãs lá onde vivem.

FUNDAMENTO BÍBLICO-TEOLÓGICO

Se um profeta é testemunha da eficácia da Palavra de Deus, como se vê em Ezequiel, convidado a mastigar o rótulo da Palavra (*Ez* 2, 8; 3, 1-3), em Isaías, chamado por Deus a levar a sua Palavra após tê-la experimentado na purificação de seus lábios (*Is* 6, 5-7), e em Jeremias, escolhido para ser «a boca de Deus» (*Jr* 1, 9; 15, 19), foi porém o escriba Esdras quem no Antigo Testamento assumiu a figura de depositário oficial da Palavra, o ícone do leitor que dispensa a Palavra, sintetizada na expressão «o livro da lei de Moisés» (*Ne* 8, 2), proclamando-a ao povo.

Após o drama do exílio e a difícil reconstrução dos muros aquando do regresso do exílio, o povo conserva a clara consciência de ser ainda membro da aliança com Deus e guardião de uma Palavra que é a ligação que mantém unidos os seus membros, ancorando-os à memória das «grandes coisas que o Senhor operou» (*Dt* 11, 7) no passado e a força atrativa que converge «como um homem só» (*Ne* 8, 1), homens e mulheres «capazes de entender» a sua mensagem e animados pelo desejo de dar ouvidos ao livro da lei (*Ne* 8, 3). Volta-se assim à origem:



o povo da aliança nasce da escuta que é a porta de ingresso dos mandamentos, como recorda a célebre frase do *Shema' Yisraël* do *Dt* 6, 4-9, a obra-prima da espiritualidade hebraica, engastada no coração da oração de Israel e colocada como fundamento da sua tradição. Com muita probabilidade, a fórmula «Escuta, Israel» era um apelo tradicional com que se abria a *qāhāl*, a assembleia cultural das tribos, e que vem repetida nos textos centrais das tradições exodais. O forte apelo que ressoa no *Shema'* reenvia para duas etapas: a interiorização da Palavra (vv. 4-6) e a sua transmissão (vv. 7-9).

Parte-se de um percurso em que ao desejar-se Deus se vai até ao interior de nós mesmos para abrir a sua interioridade à Palavra de Deus para depois a fixar, assimilar e dar-lhe hospitalidade para que toda a pessoa viva um verdadeiro “coração a coração” com o Deus que fala. O segundo é um percurso na direção ao próximo, que prevê a transmissão da Palavra através de uma especial regeneração espiritual. Através deste processo de memorização (que se inicia com a escuta e consiste em recordar e no compreender) e de tradição (que acontece mediante o ensinamento), a Palavra imaterial toma consistência e manifesta-se através da educação familiar,

de uma rede de relações e até através da roupagem e da habitação. Em cada aspecto da vida é conferido ao crente o sigilo da Palavra, que só se acolher concretamente poderá fluir também para o exterior, no mundo.

Para celebrar o evento do regresso a Jerusalém e à Judeia e certificar o renascimento desta identidade, o povo terá que partir da Palavra, dom das núpcias de YHWH com Israel, sua esposa, metê-la no centro e organizar fora da área sagrada do Templo uma solene liturgia descrita detalhadamente no Livro de Neemias (8, 1-12). Tal liturgia aparece como o modelo de leitura sinagoga e de qualquer liturgia da Palavra. Até sem se aceder ao Templo e praticar os sacrifícios, a comunhão com Deus é possível graças à escuta da Palavra, sobretudo do Livro do Deuterónimo, a segunda lei-aliança que reformula a lei-aliança sináutica (*Ex* 20–31) dada em vista do regresso à Terra Prometida.

No povo que se reúne (este verbo na versão grega é *synagō*, donde deriva o termo «sinagoga») na praça, na comunhão que harmoniza as diversidades na unidade do sentir, no texto sagrado apresentado a todos com grande solemnidade, na leitura feita do alto de uma tribuna de madeira antecedente do ambão, na veneração da parte de todo

um povo comovido pelo conteúdo de uma Palavra que põe em movimento a sua existência, pode-se individualizar a matriz da nossa atual liturgia da Palavra. Junta com a força unitiva da Palavra que convoca o povo como se fosse «um só homem» (*Ne* 8, 1), colhe-se a perseverança e a dedicação do leitor e dos ouvintes que lhe dão um tempo amplo, desde a aurora até ao meio-dia (*Ne* 8, 3), e o dinamismo da leitura/proclamação-tradução e explicação-compreensão (*Ne* 8, 3.8.12) que move à conversão e à alegria. A escuta da Palavra produz essencialmente três efeitos: cria vínculos no povo que experimentara a dispersão; enxuga as lágrimas espalhadas durante todo o tempo da deportação comunicando alegria; e restitui a Israel uma dimensão constitutiva da sua identidade, que é a festa, através do regresso às antigas tradições, em especial à Festa das Cabanas onde se recordavam as habitações dos pais nas cabanas depois do êxodo do Egito.

Tais praxes de leitura-comentário da Escritura afirmam-se cada vez mais através do serviço sinagoga que consta da leitura da Torá e dos Profetas. Os detalhes da liturgia sinagoga são exemplificados no Novo Testamento, no episódio de *Lc* 4, 16-22, em que Jesus, assíduo frequentador da

sinagoga, é descrito na dupla função de leitor e pregador do texto sagrado. Num modo bastante preciso e rico de detalhes, o evangelista descreve o culto sinagoga do sábado, influenciado pela leitura da Escritura, verdadeiro coração do culto. Após a recitação de algumas orações, como o *Shema'*, os mandamentos, a *tefillah* ou a oração das dezoito bênçãos, seguia-se a leitura de um trecho da Torá e de um dos Profetas (como se vê em *At* 13, 27; 15, 21; *2Cor* 3, 15) por parte de um leigo, a homilia e uma oração que se concluiu com uma grande doxologia (o *kaddish*). A Jesus é, pois, entregue o rótulo de Isaías, e Ele cumpre as ações previstas no ritual: levanta-Se para ler o texto e senta-Se para o comentar. Perto de Jesus está um servidor (*yperétes*) a quem entrega o rótulo de Isaías depois da leitura. Não saindo do texto, ali não havia leitores oficiais, mas todos podiam ser convidados pelo chefe da sinagoga para lerem e comentar a Palavra, visitantes ocasionais inclusivamente, como sucedeu em *At* 13, 15, em que Paulo e os seus companheiros que estavam na sinagoga de Antioquia num dia de sábado são convidados a transmitir umas palavras de exortação.

Ap 1, 3 encontramos a bem-aventurança do leitor (*ho anaghinóskon*)



que se junta às dos que escutam. O que a comunidade joanina lê «no dia do Senhor» (Ap 1, 10), no contexto litúrgico, onde se faz experiência da Ressurreição do Senhor, já aqui não são as Escrituras de Israel, mas as cristãs, ditas «palavras de profecia», consideradas inspiradas, que cada crente deve guardar (cf. Ap 1, 3; 22, 7). Às Escrituras anticotestamentárias acrescentam-se as Escrituras da nova aliança, como as cartas dos Apóstolos que são lidas, explicadas e atualizadas por *didáskaloi*, ou seja, por mestres. Depois, como confirmam vários testemunhos do II século da era cristã, aparece a figura do leitor (em grego *anagnóstes*, em latim *lector*) encarregado de ler a Escritura durante as celebrações litúrgicas, uma função muito importante pelo facto de a leitura dos textos sagrados representar um dos elementos litúrgicos de clara origem apostólica. Disso nos fala São Justino, na sua *I Apologia* (composta à volta do ano 150) que distingue o leitor de quem preside e exorta; com Tertuliano no ano 200 começa a delinear-se um ministério próprio, estável, distinto do do bispo, do do presbítero e do do diácono; e Santo Hipólito de Roma esclarece na sua *Traditio Apostolica* que «o leitor é instituído no ato em que o bispo lhe

entrega o livro: efetivamente não existe aqui a imposição das mãos». Aos leitores era oferecida uma bem administrada formação bíblica, tanto que durante a celebração litúrgica podiam ler todos os livros sagrados, inclusive os Evangelhos, dos quais até eram fiéis guardiães. No século IV a leitura evangélica foi confiada ao diácono e a partir do século VII o leitorado vai-se claudicando para se limitar a ser uma ordem menor.

A revisão das ordens menores só aconteceu graças às solicitações do Concílio Vaticano II. Com o *Motu proprio* de São Paulo VI *Ministeria quaedam* de 15 de agosto de 1972, os ministérios instituídos que, até àquele momento, na Igreja latina eram etapas do itinerário para os ministérios ordenados, «receberam uma sua autonomia e estabilidade, como ainda um seu possível destino para fiéis Leigos» (*Christifideles Laici* 23). Com o Sínodo sobre a Palavra de Deus de 2008 sublinhou-se que «o Evangelho é proclamado pelo sacerdote ou pelo diácono, mas a primeira e a segunda leitura na tradição latina são proclamadas pelo leitor que foi encarregado, homem ou mulher» (VD 58). A instrução de 20 de julho de 2020, publicada pela Congregação para o Clero, dá um passo em frente quando afirma:

«Os fiéis leigos segundo o direito podem ser instituídos leitores e acólitos na forma estável, através de um rito próprio» (*A conversão pastoral* 97). E a recente Carta Apostólica *Spiritus Domini* confirma-o: «Os leigos [de sexo masculino ou feminino] com idade adequada e dotes determinados com decreto pela Conferência Episcopal, podem ser assumidos estavelmente, mediante o rito litúrgico estabelecido, para os ministérios de leitores e de acólitos».

A Igreja para poder viver necessita de «alimentar-se do pão da vida» e da mesa não apenas do Corpo de Cristo mas também da Palavra de Deus (DV 21). A escuta da Palavra de Deus é condição essencial para a vida de todo o batizado e de toda a Igreja. É da Palavra que nasce a Igreja com os seus sacramentos e é a Palavra do Evangelho que a Igreja leva quando sai para a missão a fim de atingir «os núcleos mais profundos da alma das cidades» (EG 74). Esta Palavra, encerrada na Escritura, centra-se toda em Cristo que, segundo a tradição patristica e medieval, é o «Verbo abreviado». N'Ele, as verba multa (as muitas palavras) dos escritores bíblicos são para sempre *Verbum unum* (a única Palavra) que dá acesso a um caminho de espiritualidade cristã que leva à

intimidade com o Pai e à comunhão com os irmãos e as irmãs.

Para que o povo de Deus possa escutar a Palavra de Deus (cf. Lc 11, 28), o Espírito Santo suscitou o ministério do Leitorado. Este afunda as suas raízes no projeto de amor do Pai para a salvação dos homens que se revelou e cumpriu em seu Filho Jesus que, ressuscitado dos mortos, subiu ao Pai entregando à Igreja, na pessoa dos Apóstolos, o mandato de proclamar o Evangelho a toda a criatura (cf. Mc 16, 15).

Segundo as indicações dadas pelo Papa Francisco na carta dirigida ao prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé a propósito da promulgação do *Motu proprio Spiritus Domini*, ficamos à espera das modificações do «Rito de instituição de Leitores e Acólitos». O rito atual prevê que o Ministério de Leitor seja conferido durante a celebração eucarística, logo a seguir à proclamação do Evangelho, e que os candidatos sejam chamados pelo nome, seguindo-se a homilia ou a exortação do celebrante, o convite à oração dirigido à assembleia, a oração solene de bênção e o rito explicativo, que para os leitores consiste na entrega do livro da Sagrada Escritura.



FORMAÇÃO DOS CANDIDATOS A ESTE MINISTÉRIO

Segundo o que o Papa Francisco decidiu, «será obrigação das Conferências Episcopais estabelecer critérios adequados para o discernimento e a preparação dos candidatos e das candidatas ao ministério do Leitorado» (*Carta ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé*, 10 de janeiro de 2021), com base nas situações pessoais e locais, para evitar toda a improvisação, porque o leitor é o primeiro mediador da Palavra de Deus, aquele que deve ajudar a assembleia litúrgica a acolher a mensagem e a guardá-la para a traduzir na vida. Toda a sua pessoa é chamada a transmitir uma Palavra que é «força de Deus para a salvação de quem crê» (*Rm 1, 16*). O corpo, o rosto, a voz e até mesmo a roupa, sejam veículo de transmissão da mensagem da Escritura. Além disso, pede-se ao leitor que não só leia os textos, mas também que compreenda a mensagem que neles está contida (cf. *At 8, 30*) para a poder acolher na fé. Para tal será importante um processo permanente de frequência do texto bíblico que compreenda as três etapas do ler, do compreender e do acreditar.

É oportuno que esta preparação preveja: uma formação linguística,

histórica e cultural que permita ler regularmente o texto, compreender a sua articulação interna e focar o contexto dos eventos narrados e as categorias culturais com que foram redigidos os diferentes textos bíblicos; uma formação bíblica e teológica que ajude a perceber as diferenças dos géneros literários, a intenção dos autores bíblicos, os efeitos que querem

produzir e o coração da mensagem revelada à luz da fé; uma formação litúrgica que permita compreender o sentido profundo da liturgia, a estrutura da liturgia da Palavra e a relação que intercorre entre a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística; uma formação técnica que permita ler o texto bíblico sem nenhuma vergonha, com uma dicção correta, com

a entoação certa baseada no seu género literário, seja em voz livre ou com recurso a instrumentos de amplificação que tornem mais compreensível o conteúdo das leituras, assumindo a postura que permita emitir a voz o melhor possível, adotando uma roupa conveniente que conjugue sobriedade com decoro.



AMAR A PALAVRA DE DEUS

A família, «Igreja doméstica» (LG 11), é um lugar propício para se ouvir, meditar e rezar a Palavra de Deus (cf. VD 85). Todavia, para que ela possa alimentar plenamente a vida eclesial e familiar, é necessário renovar em cada dia três decisões:

1. Amar a Palavra de Deus, para que a frescura do amor elimine as toxinas do narcisismo;
2. Amar a Palavra de Deus, para que a abundância de amor produza energia a fim de enfrentar as dificuldades da vida;
3. Amar a Palavra de Deus, para que a fragrância do amor faça perceber que a única pessoa que deve mudar somos nós.

Quando se ama a Palavra de Deus, damos-lhe a possibilidade de descer mais velozmente aos abismos dos nossos medos (quase sempre escondidos) e iluminar significativamente e em pleno as alegrias que vivemos. Amar a Palavra de Deus é a escolha mais eficaz para evitar ser pessoas sugadoras: indivíduos incapazes de descer até às profundidades das grandes perguntas existenciais presentes no nosso coração, resignados a voar à superfície do murmurar cotidiano. O amor, pelo

contrário, aprofunda; o amor não se escapa nem das desilusões nem dos falhanços; mas, pelo contrário, penetra-os para os elaborar e descobri-los como ocasião de renascimento e de relance: «Sentes-te carente. Sonhas evadir-te. Mas evita as miragens. Para te reaveres, não corras, não fujas: escava fundo no apertado espaço que te é dado... A vaidade corre, mas o amor escava. Se fugires para longe de ti, a tua prisão acompanha-te e no arejo da corrida penetrar-te-á cada vez mais: se porém te compenetrares de ti, esta se dissolverá e converter-se-á em paraíso!» (Gustave Thibon).

É oportuno perguntar-se:

- Amo a Palavra de Deus? Como posso demonstrar o meu amor para com ela?
- Sinto que a Palavra de Deus me faz crescer no amor à Igreja e à minha família?

A PALAVRA DE DEUS FAVORECE A PARTILHA

«Assim preparas a terra: irrigas os seus sulcos, aplanas os torrões, molhas a terra com as chuvas e abençoa os seus germes» (Sl 65, 11). O próprio Deus é o modelo em quem o homem se

deve inspirar para habitar a terra com justiça. Durante o ano inteiro Deus trabalha alegremente como um sábio agricultor porque quer dar de comer à sua família, a Humanidade.

Os primeiros capítulos do Livro do Génesis são realistas: muitas vezes experimentamos a terra aparentemente esquecida pelo seu Jardineiro, irrigada com terrificante regularidade pelo sangue do inocente Abel. Essas mesmas páginas recordam o sonho de Deus: a Humanidade é chamada a habitar a terra e a colaborar com o seu Criador cuidando dela com emoção e cultivando-a responsabilmente. No sonho de Deus, a terra é o jardim do encontro, do confronto e da partilha.

Ajudemo-nos a viver as nossas relações eclesiais e familiares lavrando a terra em profundidade sem os nossos esquemas mentais com o arado da boa Palavra de Deus, para aprender a acolher e a descobrir como irmãos os que à sua terra não podem mais cultivá-la porque obrigados a escapar das guerras e da violência. O Papa Francisco recorda que a terra que Deus nos confiou é habitada em grande parte por pessoas esfomeadas e desesperadas, necessitadas em ser acolhidas à volta da mesa da solidariedade: «Que tipo de mundo desejamos transmitir aos que virão depois de nós, às crianças que agora

crescem? Esta pergunta não diz respeito apenas ao ambiente de modo isolado, porque não se pode pôr a questão de modo parcial. [...] se esta pergunta for posta com coragem, leva-nos inexoravelmente a outros interrogativos muito diretos: Para que vivemos neste mundo? Para que fim viemos a esta terra? Porque é que trabalhamos e lutamos? Porque é que esta terra necessita de nós?» (*Laudato si'*, 160).

- A meditação da Palavra de Deus levou-te a cuidar da criação e a partilhar os teus bens com os necessitados?

A PALAVRA DE DEUS PROPÕE UM ESTILO DE VIDA

«A terra que te vou dar» (Gn 12, 1): com esta indicação, Deus abre as janelas da vida de Abraão para horizontes imprevistos, diversos dos que imaginara na sua “agenda”. A promessa, por parte de Deus, de outra terra permite a Abraão experimentar a vida como um caminho sempre novo, orientado para diante, na direção de uma meta que lhe dará a coragem de atravessar as alegrias e as fadigas da quotidiana aventura humana. “Terra prometida” é o estilo de vida de quem se deixa envolver por Jesus de Nazaré, esse Deus



humilde e manso de coração; é o estilo com que somos chamados a relacionar-nos com o cônjuge, com os filhos, com os companheiros de escola, com os professores, com os colegas de trabalho, com os vizinhos de casa, com os pais, com os pobres e os necessitados, com os ricos e com os sãos. “Terra prometida” não é uma “terra conquistada”. “Terra prometida” evoca a precariedade do caminho. “Terra conquistada” reclama uma conservação de um troféu. “Terra prometida” gera

desejo e abertura ao futuro. A “Terra conquistada” favorece o imobilismo e o medo do futuro.

Conquistadores ou peregrinos? O conquistador considera a “terra prometida” uma realidade da qual se apoderar, ou um fim a obter a todo o custo e a ocupar o mais longo tempo possível. O conquistador explora a “terra prometida” para seu proveito, esquecendo-se d’Aquele que lha tinha confiado e do motivo porque lha prometeu. O conquistador instala-se de

boa vontade na confortável poltrona de tudo ter entendido e, quase sempre, de o haver feito melhor que os outros.

O peregrino, pelo contrário, descobre nas pessoas a seu lado e no ambiente que o rodeia a “terra prometida” para a qual é chamado a dar um primeiro passo para criar fraternidade e guardar a “casa comum” da Humanidade.

- Peregrinos nesta terra ou conquistadores desta terra?

A PALAVRA DE DEUS GERA O BEM COMUM

«O faraó disse a José: “Olha que te ponho a chefe de toda a terra do Egito”» (*Gn 41, 41*). A história de José (cf. *Gn 37–50*) tem o valor de dar às primeiras páginas do Gênesis o justo complemento acerca da relação correta do homem com a terra: necessitamos de homens como José do Egito, de pessoas que saibam guardar e cultivar a terra no tempo das vacas gordas e, sobretudo, no tempo das vacas magras. José, o egípcio, interpreta o trabalho como um verdadeiro estadista: valorizando as cultivações, conservando-as nos celeiros mas sabendo-as depois abrir no momento de necessidade. Ao Egito acorrem populações «de toda a parte» procurando escapar da fome «porque a carestia espalhava-se sobre toda a terra» (*Gn 41, 57*). A sabedoria agrícola de José tornou a terra egípcia lugar de convergência, de acolhimento e modelo de economia solidária. José, o egípcio, realiza o sonho de Deus na elaboração de soluções adequadas e concretas, em grau de gerar um bem comum para a Humanidade necessitada.

À terra do Egito também chegam os irmãos de José: este reconhece-os no meio de numerosos fugitivos aí





chegados após terem enfrentado extenuantes e perigosos trajetos via terra ou... via mar. José abraça os irmãos fugitivos, apagando no perdão todo o rancor e preconceito. Na terra egípcia, cultivada e governada por José, agora partilha-se um tipo de alimento, indispensável para a sobrevivência da Humanidade: o grão forte e tenro da reconciliação fraterna, tirado do celeiro da misericórdia de Deus.

- A Palavra de Deus levou-me a ser misericordioso, a perdoar quem me ofendeu e a procurar o bem comum?

A PALAVRA DE DEUS AJUDA A CAMINHAR

«Deus gritou-lhe do meio da sarça. “Moisés, Moisés!”. Respondeu. “Eis-me aqui!”. E de novo: “Não te aproximes mais! Descalça as sandálias dos pés...”» (Ex 3, 4-5). Moisés, o caminheiro por excelência para a terra prometida, revela o que significa caminhar, dentro dos confins da precariedade humana, com um Deus libertador e um povo chamado à liberdade. Pela sua vocação, Moisés compreende que a sua vida será um caminho imprevisível, impossível de planear nos mínimos detalhes: «Caminheiro, o caminho são os teus

passos. Caminheiro, o caminho não existe, o caminho faz-se caminhando» (António Machado).

Para se conseguir caminhar ao ritmo do coração de Deus, na vulnerabilidade que experimentámos como Igreja e como famílias durante a pandemia da covid-19, somos chamados a fazer como Moisés, a descalçar as sandálias: renunciar à rigidez dos nossos pontos de vista e amolecê-los no fogo da ternura de Deus. Também a revelação do próprio nome de Deus não diz tudo sobre a identidade d’Aquele que está a chamar por Moisés; Deus está sempre mais além em relação a toda a nossa compreensão: é a precariedade do que nos parece haver compreendido de Deus. O nosso caminhar como Igreja e como famílias necessitará dos músculos da humildade, da cordialidade e da amabilidade. Pensando na potência do Egito, Moisés conhece a sua inadequação, todavia caminha até junto do faraó e intercede pelo povo de Deus.

O caminho no deserto evidencia ulteriormente a precariedade do caminhar para a terra prometida; e no entanto, até mesmo no deserto Deus cuida do seu povo: «Ele encontrou-o numa terra deserta. Envolveu-o, alimentou-o, guardou-o como a pupila dos seus olhos» (Dt 32, 10). Após ter consumido toda a sua vida para nela entrar, Moisés

não pode entrar na terra prometida: contempla-a de longe, aceitando que outros tomem o seu lugar. Moisés experimenta que a “terra prometida” é a esperança para caminheiros que sabem olhar ao longe para o bem dos outros.

- Como me senti apoiado pela Palavra de Deus em momentos difíceis?

A PALAVRA DE DEUS INSPIRA ESPERANÇA

«Senhor, deixa-a mais um ano» (Lc 13, 8). Na parábola do evangelista São Lucas narra-se que apesar de o dono de uma vinha ter plantado uma figueira num terreno fértil como o das vinhas, a figueira não deu frutos. Graças à intervenção do vinhateiro (figura maravilhosa de Jesus) a figueira será estrumada e adubada na esperança que dê frutos. Devido à escassez de fertilizantes como na época acontecia, somente as vinhas eram adubadas; é certo que as figueiras geralmente crescem e frutificam em terrenos pobres e rochosos: este é um elemento a mais para apreciar o amor surpreendente do vinhateiro por esta figueira.

«Dá-lhe mais um ano»: o Evangelho consegue comunicar como a paciência do Pai, “sugerida” pelo Filho, seja

capaz de oferecer uma nova possibilidade de vida até mesmo quando a sorte daquela planta parece já destinada. Similarmente, a quotidiano que nos é dado a viver como Igreja e como famílias é tempo de misericórdia, de paciência da parte de Deus, mesmo quando... não produzimos frutos.

«Dá-lhe mais um ano»: esta indicação de tempo foi pensada pelo Evangelho para nos estimular, como Igreja e como Família, a redescobrir a urgência de aplicar a reforma dos nossos costumes quotidianos, verificando as inclinações do nosso coração. É fonte de alegria saber que existe um vinhateiro que, além de se dedicar à imensa e frutuosa vinha, tomará do seu tempo também para cavar pacientemente no terreno da nossa vida quotidiana eclesial e familiar, que pode suceder que seja como a daquela planta da figueira: incapaz de dar frutos. Dar fruto não é a coisa mais urgente para a Igreja e a Família, mas aprender quotidianamente a deixar-se trabalhar por Jesus e pelo seu amor por nós, tal como somos agora.

- Durante este ano deixei que Jesus, Palavra encarnada, entrasse nas profundidades do coração para que o possa transformar?

Somente quem escuta pode anunciar: Palavra de Deus e catequese à luz do novo Diretório

«A Palavra de Deus é o pão quotidiano, que regenera e alimenta ininterruptamente o caminho eclesial. O ministério da Palavra nasce do ouvir e educa à arte da escuta, porque somente quem escuta pode também anunciar. “Toda a evangelização se funda sobre a Palavra de Deus, escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A sagrada Escritura é fonte de evangelização” (EG 174)». (Diretório para a Catequese, 283)

O novo Diretório para a Catequese, publicado pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização em 25 de junho de 2020, ao enfrentar o tema da transmissão do Evangelho – o mandato confiado pelo Senhor Jesus à sua Igreja (cf. Mt 28, 18-20) – evidencia que este dever foi realizado transmitindo a Palavra de Deus oralmente (a Tradição) e por escrito (a Sagrada Escritura). Não se pode esquecer que a Igreja pode estar ao serviço da Palavra de Deus e anunciá-la eficazmente ao mundo, porquanto ela em primeiro lugar sabe permanecer perante a Palavra em «escuta religiosa» (DV 1).

A este propósito, retomando as palavras de Bento XVI, o Diretório, no n. 283, recorda que «a Igreja se fundamenta sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela. Ao longo de todos os séculos da sua história, o povo de Deus sempre encontrou nela a sua força e a comunidade eclesial cresce hoje também na escuta, na celebração e no

estudo da Palavra de Deus» (*Verbum Domini* 3). Parece-nos ouvir nestas palavras o convite carinhoso de São Paulo VI, que na *Evangelii Nuntiandi*, afirmava: «Evangelizadora, a Igreja começa a evangelizar-se a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e participada, comunidade de amor fraterno, ela necessita de escutar continuamente o que deve acreditar, as razões da sua esperança, o mandamento novo do amor. [...] Ela necessita sempre de ser evangelizada, se quiser conservar a frescura, o ímpeto e a força para anunciar o Evangelho» (n. 15).

A Igreja, em cada fase do processo de evangelização, anuncia a Palavra de Deus a toda a Humanidade, explicitando desta forma um ministério que «nasce da escuta e educa à arte da escuta» da Palavra (cf. DC 283). Entre as várias formas com que se pode exercer este ministério da Palavra (cf. DC 37) figura o serviço catequístico,

na pluralidade de tipologias em que se pode realizar: primeiro anúncio, catequese de iniciação cristã, catequese permanente, etc. Na vida da comunidade cristã, a catequese tem a missão de ser a “caixa de ressonância” da Palavra de Deus no coração dos homens, ajudando cada um a entrar num diálogo íntimo e amoroso com Deus, através da sua Palavra encarnada, Jesus Cristo Ressuscitado e Vivo, o único que pode responder aos desejos e às aspirações mais profundas (cf. DC 53-54, 91-92). Portanto, não se pode compreender a catequese senão a partir do seu nexó vital com a Palavra de Deus, que constitui a sua motivação mais profunda.

Ao delinear em síntese os objetivos da catequese, o Diretório afirma: «Realidade dinâmica e complexa ao serviço da Palavra de Deus, ela acompanha, educa e forma na fé e à fé, introduz à celebração do Mistério, ilumina e interpreta a vida e a história humana» (n. 55).

● Em primeiro lugar, com efeito, a catequese apresenta-se como percurso de acompanhamento e de educação à fé, seja daqueles que não conhecem ainda o Senhor, seja dos que já aderiram a Ele e manifestaram o desejo de O seguir mais de perto (cf. DC 80).

- Em segundo lugar, a catequese abre-se à celebração do Mistério através da experiência da liturgia, dos sacramentos, da oração e da piedade popular: deste modo, os batizados fazem experiência viva e eficaz da graça de Deus e continuam a alimentar-se e a crescer no discipulado (cf. DC 81-82. 86-87. 286).
- Em terceiro lugar, a catequese ajuda progressivamente os cristãos a iluminar e a interpretar a vida e a história humana à luz da fé, permitindo que o modo de pensar, julgar e agir seja plasmado pelo Espírito Santo e se torne cada vez mais conforme à vida nova do Ressuscitado (cf. DC 83-85).
- Em quarto lugar, a catequese introduz os filhos de Deus na vida da comunidade eclesial onde, vivendo em relações fraternas no sinal de amor e da partilha, se tornam testemunhas do Senhor no mundo, dispostos a anunciar como discípulos missionários a alegria de O ter encontrado (cf. DC 88-89. 284).

Em qualquer destes âmbitos – anúncio da fé, iniciação à celebração do Mistério, formação da consciência, vida comunitária e ímpeto missionário –, a catequese não pode referir-se à Sagrada Escritura pela relação



peculiar que esta tem com a Palavra de Deus. A Escritura, que «atinge em profundidade o ânimo humano, mais do que qualquer outra Palavra» (DC 91), é «essencial para progredir na vida de fé» (DC 74). Por este motivo, a catequese esforça-se por introduzir concretamente os fiéis ao conhecimento das páginas do Antigo e do Novo Testamento, fundamentais para compreender as etapas da história da salvação nos seus acontecimentos e protagonistas. A familiaridade com o texto sagrado, lido e meditado sempre na fé e na Tradição da Igreja, abre o coração do batizado ao conhecimento das *mirabilia Dei* e ensina-o a captar o Senhor vivo e operante no mundo. O “habitar” nos passos dos acontecimentos e dos personagens bíblicos torna possível a transformação lenta e interior do discípulo, que, seduzido pela voz do Mestre e juntamente com Ele, faz da sua vida um dom para os irmãos.

Para que os catequistas possam fazer-se companheiros de viagem dos seus irmãos na maravilhosa experiência de conhecimento e de seguimento do Senhor, é necessário que eles primeiramente cresçam na escuta da Palavra de Deus. Para tal fim, o Diretório não se esquece de sublinhar a importância da formação bíblica do

catequistas (cf. DC 143-144), que lhes permita conhecer cada vez mais intimamente Aquele que na fé acolheram como Senhor. Fazer o que se pode na comunidade paroquial e diocesana, dar cursos bíblicos, jornadas ou semanas de estudo e aprofundamento de um livro da Escritura, momentos de lectio e de meditação das páginas sagradas, é talvez, entre as atividades

pastorais, a que com maior eficácia permite à semente da fé criar raízes em profundidade e dar fruto para o futuro.

Uma proposta para a formação bíblica é a catequese bíblica, que pode ser implementada nas paróquias ou nos grupos, associações e movimentos eclesiais. Ela tem na mira fazer conhecer as obras e as palavras em que

Deus Se revelou à Humanidade na sua história concreta. O método para a efetuar pode ser reassumido esquematicamente nas seguintes passagens:

1. O catequista escolhe um texto bíblico, tendo em conta as necessidades dos participantes ou do caminho que escolheu realizar. Depois de ter invocado o Espírito Santo com uma





oração ou com um canto, o texto é proclamado lentamente e com voz clara.

2. O catequista deixa um tempo para a leitura pessoal do texto, convidando os seus interlocutores a olhar para a situação de vida dos personagens, os diálogos entre eles, as ações feitas pelos personagens, os eventos da história pessoal ou comunitária a que a narração alude. Cada participante deve tomar nota do que observa no texto.
3. O catequista convida os seus interlocutores a partilhar o fruto da sua observação, procurando a participação de todos.
4. O catequista guia a reflexão do grupo, evidenciando aqueles aspectos da narração que levarão à descoberta das obras e das palavras através das quais Deus Se revelou ao homem na sua história pessoal e na história da comunidade.
5. O catequista propõe uma série de perguntas para que cada um dos participantes se torne consciente das obras e das palavras com que Deus Se deu a conhecer e revelou o seu amor e a sua proximidade, sobretudo nas situações mais difíceis das suas vidas. Além disso, suscita neles o empenho de agir e falar como Deus fez com ele.

6. No momento de oração conclusiva, o catequista convida os seus interlocutores a porem nas mãos de Deus os empenhamentos tomados na catequese.

Mostra-se um exemplo deste modelo de catequese bíblica, tomando em consideração o texto evangélico do encontro de Jesus com a Samaritana.

1. Após a invocação do Espírito Santo, é proclamado o texto de *Gv* 4, 5-42.
2. Deixa-se um tempo para a leitura e meditação pessoal do texto olhando para a situação de Jesus, a situação da Samaritana, os diálogos entre eles, as ações que cada um deles realiza, os eventos históricos a que se alude, a mudança na Samaritana e nos seus concidadãos.
3. Os participantes partilham os aspectos do ponto precedente que conseguiram descobrir.
4. Alguns elementos de aprofundamento do texto bíblico:
 - Jesus, como muitos homens cansados do caminho, procura o repouso, esforça-Se em recuperar as forças e senta-Se perto de um poço. É a hora do calor mais intenso: solidão e necessidade unem-se neste momento (v. 6).

- Jesus rompe com os estereótipos e pede a uma mulher samaritana de beber (vv. 7-9). Deus tem sempre a iniciativa, aproxima-Se humildemente do homem em situações cruciais da sua existência para entrar em diálogo com ele e conduzi-lo à descoberta da sua presença amorosa nestas circunstâncias, como também na história da Humanidade. Deste modo, o homem pode perceber que só Ele pode dar-lhe o que deseja verdadeiramente na profundidade do coração (vv. 10-26).
 - A Samaritana, impressionada pelas obras e pelas palavras de Jesus, indaga se será Ele o Messias esperado e comunica-o aos outros habitantes da aldeia, homens e mulheres que, como ela, são excluídos da vida social e religiosa, permanecendo à margem do caminho. Estes vão encontrá-l'O, empenhando-se em primeira pessoa (vv. 28-30).
 - Os Samaritanos, entrando em contacto direto com Jesus, creem n'Ele; nas suas obras e palavras encontraram o Salvador do mundo (vv. 39-42).
5. À luz do texto bíblico, podem-se sugerir algumas perguntas para aplicação e empenhamento pessoal:
 - Em que momentos ou situações da vida me senti cansado, desencorajado para continuar o caminho?
 - Onde foi que procurei descansar, para onde fui recuperar forças?
 - Em que momentos ou situações descobri a presença de Deus e pude sentir-me amado por Ele? Através de que pessoas, obras e palavras?
 - Sinto-me impelido a partilhar a experiência do seu amor com os outros? Através de que obras e palavras posso fazer com que os que foram marginalizados pela sociedade ou pela Igreja experimentem Jesus como seu Salvador?
 6. A catequese pode concluir-se implorando a intercessão da Virgem Maria, modelo por excelência de quem escuta, medita, acolhe e põe em prática a Palavra de Deus.

O Logótipo para o Domingo da Palavra de Deus

O Logótipo do Domingo da Palavra de Deus inspira-se na passagem evangélica dos discípulos de Emaús (cf. *Lc 24, 13-33*) e põe em evidência o tema da relação entre

viajantes, expresso em olhares, gestos e palavras. Jesus aparece como aquele que «se aproxima e caminha com» a Humanidade (*Lc 24, 15*), «estando no meio» (*Jó 1, 14*).



Os discípulos

«Dois dos discípulos de Jesus iam a caminho.» (*Lc 24,13*) Nos dois discípulos, Lucas vê o rosto de todos os crentes. A atenção à reciprocidade entre masculino e feminino levou alguns exegetas a ver nestes dois discípulos um casal, identificando o discípulo anónimo com a mulher de Cleófas.

Cristo ressuscitado

Com discrição, Jesus coloca-Se no nosso caminho, «põe-Se no meio», habitando a nossa história, as nossas dúvidas. Ele interpela e escuta quem as guarda no silêncio do coração: «Jesus aproximou-Se deles e pôs-Se com eles a caminho.» (*Lc 24,15*)

A luz

Quando o sol já se encaminha para o ocaso, há outra luz que aquece o coração dos discípulos: a luz da Palavra. No gesto eucarístico, ela encontrará a sua plenitude, plenificando a comunhão com o Mestre: «Nesse momento abriram-se os seus olhos e reconheceram-n'O.» (*Lc 24,29*)

A estrela

Apontada por Cristo Ressuscitado, é o sinal da Evangelização: «Eles contaram o que tinha acontecido no caminho e como O tinham reconhecido ao partir o pão.» (*Lc 24,35*)

O rolo

No diálogo entre o Antigo e o Novo Testamento, desvela-se o mistério da salvação. «Começando por Moisés e passando pelos Profetas, explicou-lhes em todas as Escrituras o que Lhe dizia respeito.» (*Lc 24,27*)

Os pés

Jesus Ressuscitado junta os seus passos aos passos do homem e o poder da sua Palavra sabe orientá-los na direção certa, porque «a tua palavra é farol para os meus passos e luz para os meus caminhos» (*Sl 119,105*). Por isso, eles «partiram imediatamente de regresso a Jerusalém» (*Lc 24,33*).

O cajado

Franzino e incerto, como todas as realidades humanas, exprime a fragilidade dos discípulos que «pararam, com ar muito triste» (*Lc 24,17*). Jesus Ressuscitado dá-lhes força com a Palavra «viva e eficaz, mais cortante que uma espada de dois gumes, [...] que é capaz de discernir os pensamentos e as intenções do coração» (*Hb 4,12*).



DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS



**Bem-aventurados os que
ouvem a Palavra de Deus!**

(Lc 11, 28)

